

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

BONINE JOHN GIGLIO BRITO

MULHERES EM AÇÃO:

Alguns destaques da presença feminina no esporte amazonense

MANAUS
2019

BONINE JOHN GIGLIO BRITO

MULHERES EM AÇÃO:

Alguns destaques da presença feminina no esporte Amazonense

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Saúde, Sociedade e Endemias na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Saúde, Sociedade e Endemias na Amazônia, sob orientação da professora doutora Artemis Soares.

MANAUS

2019

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

B862m Brito, Bonine John Giglio
Mulheres em ação : alguns destaques da presença feminina no esporte amazonense / Bonine John Giglio Brito . 2019
63 f.: il.; 31 cm.

Orientadora: Artemis de Araújo Soares
Dissertação (Mestrado em Saúde, Sociedade e Endemias na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Questões de Gênero. 2. Mulher e Esporte. 3. Mulheres em Destaque. 4. Mulheres atletas. I. Soares, Artemis de Araújo. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

BONINE JOHN GIGLIO BRITO

MULHERES EM AÇÃO
ALGUNS DESTAQUES DA PRESENÇA FEMININA NO ESPORTE AMAZONENSE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Saúde, Sociedade e Endemias na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Saúde, Sociedade e Endemias na Amazônia.

Aprovado em: _____

BANCA EXAMINADORA

Professora. Dra. Artemis de Araújo Soares
Presidente

Professora. Dra. Karla de Jesus
Membro

Professora. Dr. Afonso Celso Brandão Nina.
Membro

Professora. Dra. Kelly de Jesus Allen Graça
Suplente

*À uma das mulheres mais incríveis que já
conheci, e por acaso é a mulher que mais teve
destaque no Amazonas através do esporte,
minha imortal professora Artemis Soares.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao Programa de Pós-Graduação Saúde, Sociedade e Endemias na Amazônia – PPGSSEA e a todo corpo docente pelo amor, compromisso e respeito comigo e com meus colegas.

Agradeço a minha orientadora, professora imortal Ártemis Soares por tanta responsabilidade demonstrada ao me tomar como orientanda, que mesmo com uma agenda de compromissos tão importantes, nunca esqueceu de mim, nunca me abandonou, pelo contrário, sempre se entusiasmou com a minha pesquisa e me fez ter força de vontade para continuar.

Agradeço ao meu pai, por tanto amor, tanto cuidado comigo, e que mesmo de longe nunca deixou de se preocupar, sua força para mim foi fundamental neste processo. Ele é o grande amor da minha vida.

A minha mãe, que dentro de suas limitações demonstra todo seu amor por mim.

Agradeço segundo grande amor da minha vida, Tiago Breves de Oliveira, minha alma gêmea e que esteve junto comigo nos melhores momentos e nos mais difíceis também, e nunca deixou que eu desistisse e desanimasse. Também agradeço à minha sogra, Mary Breves, por cuidar de mim com tanta preocupação e carinho.

Agradeço à minha família, minha tia Susi John, que cuida de mim como se fosse minha mãe, e durante todo esse processo segurou a minha mão. Ao meu tio Marcos John e à minha afilhada Pérola por estarem ao meu lado quando eu mais preciso. Também agradeço à minha tia Edilândia e minha irmã Suellen por estarem perto de mim, mesmo de longe.

Agradeço aos meus amigos Augusto Severo, Paula Michelle, Caio Barros, Pâmella Souza e Jennifer Gomes, que logo no começo desta caminhada foram fundamentais para que eu tivesse forças e alegria de iniciar uma grande etapa da minha vida. Também agradeço aos meus amigos Paulo Mota, Dhannyd Quaresma e João Ricardo Campos que estiveram junto comigo no processo de seleção e me acolheram no Rio de Janeiro de coração aberto. Agradeço à minha amiga Bruna Costa com sua animação ímpar e por me fazer me sentir amada. Agradeço imensamente às minhas amigas de infância Mayara Vargas Leidiane Santos e Driene Lima que

estiveram comigo em todas as etapas da minha vida, inclusive na trajetória do mestrado, trocando experiências de vida e deixando meus dias mais leves.

Também agradeço à família amazonense de ginástica, que é a minha segunda família. Minhas mentoras e amigas Alessandra Balbi, Verônica Martins, Lorena Miller, Keila Mariano, Leslyany Pereira, Carina Braga e Lulian Lopes. Todos fundamentais na minha trajetória de formação profissional, até hoje seguimos juntos com uma parceria de sucesso.

Também agradeço às minhas amigas de mestrado Kamila Pimentel e Marisa Pessoa, por seguimos juntas até o final deste processo.

Por fim, agradeço a todas pessoas que contribuíram com esta pesquisa, principalmente a todas as participantes que tiveram o grande carinho de me atender com muito entusiasmo e vontade de contribuir para a construção de conhecimento científico. Minha eterna gratidão às principais protagonistas deste trabalho.

RESUMO

Mulheres atletas tem sido um grande fenômeno na era contemporânea e apesar de todo preconceito, exclusão e questionamentos sobre a sua prática esportiva, elas têm buscado o esporte como forma de trabalho ou de lazer. A mulher atleta amazonense está inclusa neste processo visto que a região amazônica se mostra evidente em assuntos contemporâneos. Desta forma, o objetivo consistiu em investigar a presença feminina amazonense em disciplinas esportivas a fim de identificar quais seriam os motivos geradores desta prática, coadunando com o investimento da sua carreira no esporte. Tratou-se de uma pesquisa qualitativa onde utilizamos como instrumento a entrevista semiestruturada que foi respondida por 15 participantes entre atletas olímpicas, paraolímpicas e não olímpicas, medalhistas em competições oficiais e não oficiais. O tratamento dos dados coletados esteve embasado pela Análise de Conteúdo de BARDIN (2011), a partir de inferências e interpretação dos dados obtidos. Os resultados mostram que a mulher amazonense se destacou como atleta em diversas modalidades devido ao incentivo familiar e financeiro que recebeu durante a sua trajetória como esportista. Estes resultados impactam diretamente na forma de avaliar as formas de investimento público e privado para o aumento e incentivo da prática esportiva feminina bem como a sua profissionalização. Logo, foi possível concluir que o enfrentamento de paradigmas em relação à carreira profissional da mulher bem como suas escolhas, trouxeram novas perspectivas de vida através do esporte, incluindo o olhar da sociedade perante a mulher, o qual tornou-se mais compreensivo apesar de ainda haver o machismo como forma de opressão.

Palavras-Chave: Questões de gênero; Mulher e Esporte; Mulheres em destaque.

ABSTRACT

Female athletes have been a great phenomenon in the postmodern era and despite all prejudice, exclusion and questions about their sports practice, women have sought sports as a form of work, leisure. Thus, the objective was to investigate the female presence in sports disciplines in order to identify what would be the reasons for this practice, matching the investment of their career in sports. This was a qualitative research and we used the semi-structured interview as an instrument, which was answered by 15 participants between Olympic, Paralympic and non-Olympic athletes, medallists in official and unofficial competitions. The treatment of the collected data was based on the BARDIN Content Analysis (2011) from inferences and interpretation of the obtained data. The main results show that the Amazonian woman stood out as an athlete due to the family and financial incentive she received during her career as a sportswoman. Thus, it was possible to conclude that the confrontation of paradigms in relation to women's professional career, as well as their choices, brought new perspectives of life through sport, as well as society's view of women became more comprehensive, although there is still machismo as a form of oppression.

Keywords: Gender issues; Woman and sport; Featured women.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – CATEGORIAS - 1

QUADRO 2 – UNIDADE DE REGISTRO – 1

QUADRO 3 –CATEGORIAS– 2

QUADRO 4 – UNIDADE DE REGISTRO

QUADRO 5 – CATEGORIAS – 3

QUADRO 6 – UNIDADE DE REGISTRO - 3

LISTA DE ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

COI	COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL
FEFI	FEDERAÇÃO ESPORTIVA FEMININA INTERNACIONAL
COB	COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO
ABEP	ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE PESQUISA
TCLE	TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
GUG	GRUPO UNIDO DE GINASTAS
JEB´S	JOGOS ESCOLARES BRASILEIROS
CBJ	CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ
FAS	FUNDAÇÃO AMAZONAS SUSTENTÁVEL
AAL	ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS
ABEF	ACADEMIA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

SUMÁRIO

1	<u>INTRODUÇÃO</u>	14
2	<u>JUSTIFICATIVA</u>	15
3	<u>OBJETIVOS</u>	16
4	<u>ESTRUTURA DO TRABALHO</u>	17
4.1	<u>PRESSUPOSTOS TEÓRICOS</u>	17
4.1.1	<u>A mulher no tempo e no espaço</u>	17
4.1.2	<u>A mulher na competição</u>	19
4.1.3	<u>A mulher atleta</u>	22
4.1.4	<u>A mulher no tempo e no espaço esportivo amazonense</u>	26
5	<u>METODOLOGIA</u>	29
5.1	<u>Caracterização do estudo</u>	29
5.2	<u>População e amostra</u>	29
5.3	<u>Instrumento e coleta de dados</u>	29
5.4	<u>Procedimento de coleta de dados</u>	30
5.5	<u>Procedimento de análise de dados</u>	31
6	<u>RESULTADOS</u>	32
6.1	<u>Característica gerais das agentes colaboradoras</u>	32
6.2	<u>Características Gerais das modalidades</u>	32
6.2.1	<u>Atletismo</u>	33
6.2.2	<u>Ginástica Rítmica</u>	33
6.2.3	<u>Natação</u>	34
6.2.4	<u>Judô</u>	34
6.2.5	<u>Ciclismo</u>	35
6.2.6	<u>Jiu-Jitsu</u>	35
6.2.7	<u>MMA</u>	35
6.2.8	<u>Tênis de Mesa</u>	36

6.2.9	<u>Vôlei sentado</u>	37
7	<u>CONCLUSÃO</u>	47
8	<u>ANEXOS</u>	55
8.1	<u>Termo de consentimento livre e esclarecido</u>	55
8.2	<u>Perguntas da entrevista semi estruturada</u>	57
8.3	<u>Entrevistas</u>	58
9	<u>REFERÊNCIAS</u>	73

1 INTRODUÇÃO

Este estudo traz como tema central a figura da mulher amazonense que se destaca no esporte local, nacional e internacional. Assim, pretende-se destacar a sua presença e contribuição para a sociedade na condição de mulher esportista e como ser humano, sabendo-se que os ícones esportivos são olhados como modelo por uma grande maioria, principalmente para a juventude. Além disso, buscamos investigar os motivos que fazem a mulher investir nesta área que tanto lhe foi negligenciada em tempos outros.

Este estudo aborda ainda o conhecimento sobre a força de vontade e a garra da mulher de se insurgir diante de um sistema patriarcal que a impedia de contar a sua própria história. Demonstrando resistência, a mulher vem progredindo no avanço da sua representatividade na sociedade ganhando poder e reconhecimento.

O esporte possui áreas de investigação que vão além do aspecto físico, estético e saudável, porém não dissociável, e uma dessas áreas diz respeito às relações socioculturais que se manifestam através da cultura corporal refletindo o seu tempo e seus conflitos.

Bourdieu (2004) mostra o esporte como uma prática muito específica, visto que é competitiva, regulamentada e institucionalizada, provocando, portanto, um elo entre as relações que também estabelecemos fora de um ambiente esportivo.

A mulher esportista teve a sua participação socialmente invisível por muito tempo refletindo evidentemente aspectos de sua sociedade e suas características culturais. Isso significa dizer que todo o processo histórico da humanidade passou pelo esporte como um espelho de valores. A isso também corresponde dizer que a mulher e sua presença foram modificadas pela sua própria insurgência e inquietação como cidadã e ser humano. Goellner (2013)

Um aspecto central nesta questão está relacionado aos motivos que fizeram as mulheres investirem na sua carreira no esporte, visto que tantas barreiras foram colocadas e algumas perduram até hoje com a ajuda da mídia: preconceito, machismo e falta de apoio. A sociedade, mesmo que tenha passado por históricos significativos de evolução do pensamento em relação à liberdade da mulher, ainda enxerga o esporte como um ambiente exclusivamente quase que masculino.

Os movimentos feministas surgidos nos séculos XVIII, XIX, XX e XXI serviram de grande alavanca para a propagação da mulher em representações de importância que não fossem apenas a maternidade e os cuidados da casa. Esses movimentos ajudaram a contar a nossa

própria história e dar o devido valor e reconhecimento da importância da mulher sobretudo na modificação do pensamento de uma sociedade. Se hoje temos altos cargos, vida sexual independente e pretensão salarial alta é graças há anos de luta de mulheres que buscavam equidade perante uma sociedade patriarcal, que era caracterizada pela prevalência do homem sobre os aspectos da vida familiar e social.

As relações de gênero estão mudando de configuração de forma lenta em cada sociedade, e é por isso que cada lugar tem a sua história contada de forma diferente.

O Brasil, por exemplo, teve participação tardia da mulher no Jogos Olímpicos da Era Moderna: apenas na sua 10ª edição, Maria Lenk, nadadora, participou de uma prova embora não tenha ganho nenhuma medalha, enquanto já havia outros países, sobretudo os europeus com mulheres medalhistas. Maria Lenk, descendente de europeus, tinha uma educação visivelmente diferente da época em que viveu além disso, nasceu e morava no Sudeste, região mais rica e populosa do Brasil, onde já se praticava esporte. tornando-se a primeira mulher da América do Sul em olimpíadas.

A questão regional é importante justamente por conta de seu reflexo cultural. No Brasil temos um vasto território, diferentes falares, histórias e maneiras de viver. O Norte, região onde acontece a narrativa desse estudo também possui, portanto, as suas peculiaridades. E essas peculiaridades não podem ser resumidas tão facilmente. Somos parte da região PanAmazônia, maior floresta do mundo, nossa saída para outros Estados fica resumida somente a meios fluviais e aéreos. Os mitos e as lendas do ouro e das riquezas foram contados por nossos exploradores, dando destaque à figura feminina, às vezes mostrando mulheres com independência, poder e dominação, até confundi-las com qualquer figura masculina, o que representa enorme atrevimento, como por exemplo a lenda das Içamiabas, que uma vez por ano ofereciam uma festa e convidavam os índios guaranis com que se acasalavam e ao final lhe davam presentes de barro verde do fundo do rio esculpido a mão.

Portanto, é interessante entender que o esporte socialmente construído nesta região e visibilizados por mulheres amazonenses mundo afora possui particularidades que são reflexos de histórias daqui. Essas mesmas mulheres são as que trazem a representatividade para a nossa região.

Acredita-se que esta representatividade pode abrir mais portas para que a mulher amazonense consiga galgar caminhos mais longos através do esporte, marcando a sua força e presença em todo o mundo.

O trabalho de pesquisadores no Brasil acerca da problemática da mulher no esporte perpassam por caminhos que abordam questões de igualdade de gênero, visibilidade da mídia e história de momentos marcantes como as autoras Goellner e Rúbio retratam em vários estudos.

Por exemplo, Goellner (2005) realizou um estudo em que buscou evidenciar o possível aumento da participação das mulheres no esporte brasileiro, que mesmo se mostrando crescente, não possui condições iguais de acesso em relação à aos homens. Rubio (2010) abordou a prática esportiva em mulheres de um clube paulista na década de 20, visto que à época a prática de algumas modalidades era restrita por conta do seu “sexo frágil”. Outro estudo de Goellner (2018) destaca a inserção e oficialização do futebol praticado por mulheres, além de tratar sobre questões sobre a pouca visibilidade midiática e escassez de campeonatos.

Também encontramos facilmente estudos psicológicos motivacionais da prática esportiva comparando homens e mulheres como os estudos de Voser (2014); Soares (2004) além de aspectos biomecânicos como os estudos de Okasaki, Teixeira e Rodacki, (2008) e Cavalcanti (2019), e também aspectos bioquímicos, fisiológicos e de saúde como os estudos de Soares, Fernandes e Ferreira, (2019), além das novas discussões de gênero como o estudo de Da silva (2019) mas o problema que envolve a presença da mulher e a sua investida tem poucas fontes. Em se tratando da região Norte, a carência se torna ainda maior. Nas regiões sul e sudeste, os trabalhos de destaque mostram que há uma grande necessidade de mulheres de outras regiões serem ouvidas e terem suas histórias contadas.

É com foco nessa problemática que visamos desenvolver esse trabalho.

2 JUSTIFICATIVA

Este estudo justifica-se pela resignificação da importância e valorização que a presença da mulher no século XXI têm tomado. Hoje, elas são muito mais independentes e a sua participação no campo esportivo tem se mostrado aberta a esse acontecimento. Quase 50% de participantes dos Jogos Olímpicos são mulheres, por exemplo.

Outra justificativa é que além do que já foi citado existem mulheres atuando como árbitras, técnicas, dirigentes e modalidades exclusivamente voltada para mulheres, além das categorias de esportes que ressaltam a sua performance. É uma cena na qual a sociedade está abraçando novos olhares tendo a mulher como protagonista nesse espaço. No ano de 2019 historicamente a Copa do Mundo Feminina de Futebol foi transmitida por emissoras do mundo todo, e aqui no Brasil, pela maior emissora do país. Começamos a ver meninas com camisas escritas “Marta” ao invés de “Neymar”, mostrando que a masculinização deste espaço começa a se transformar em um espaço híbrido, misturando o masculino e o feminino. Este é um acontecimento marcante e muito significativo.

Também justificamos essa pesquisa por conta da carência de pesquisas que investigam a relação da história da mulher no esporte, sobretudo a mulher esportista do Amazonas. É uma oportunidade de contarmos a nossa própria história e produzir conhecimento científico que nos leve a compreender quais são as necessidades que ainda podem ser supridas para que cada vez mais praticantes sintam-se motivadas a fazer parte deste fenômeno, sobretudo com vontade e incentivo para também querer investir na sua carreira esportiva.

Neste contexto, estas são as questões norteadoras desse estudo:

- 1) O que motiva uma mulher a praticar um esporte?
- 2) O que representa o pódio para a mulher?
- 3) Qual o impacto da figura da mulher desportista com destaque perante a sociedade?

3 OBJETIVOS

Geral

O objetivo geral deste estudo foi investigar a presença feminina em diversas modalidades esportivas praticadas na cidade de Manaus, ressaltando a sua importância não somente no contexto esportivo, mas, sobretudo no contexto sociocultural da Amazônia.

Específicos

- a) Pesquisar os fatores de influência que levam a mulher à prática de disciplinas esportivas e ao investimento na sua carreira esportiva

- b) Identificar o impacto que a carreira de sucesso da mulher desportista pode causar no grupo investigado.

4 ESTRUTURA DO TRABALHO

Este trabalho de dissertação está dividido em três partes: a primeira é onde dialogamos com os autores que sustentam os nossos pressupostos teóricos, com 03 capítulos que aborda a mulher no tempo e no espaço; o segundo que trata das questões metodológicas, onde mostraremos como a pesquisa foi realizada e os instrumentos utilizados, A terceira parte, onde mostraremos os resultados da coleta dos dados e as conclusões. Nos anexos encontram-se os termos utilizados para o andamento das pesquisas e entrevistas.

4.1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

4.1.1 Mulheres, trajetórias e conquistas sociais

A presença da mulher no tempo e no espaço possui momentos intensos. Esses momentos são frutos de histórias marcantes por conta da sua figura e representação na sociedade. A mulher é aproveitada ora como símbolo de fertilidade, ora como maldição, e já precisou de forças para se colocar em uma posição igualitária mais livre e menos repreensora de se viver. Nem sempre fora assim: o sistema matriarcal já existiu e a nossa linhagem familiar era baseada pela origem das mulheres, ou seja, na pré-história fomos matrilineares. Nos dicionários da Língua Portuguesa é possível encontrarmos a definição de matriarcado como sendo um regime social exercido pelas mulheres, geralmente pela mulher mais velha da família. Enquanto o patriarcado significa exatamente o oposto: são os homens que detém o poder. Então, na sociedade paleolítica os homens e mulheres eram livres e o sentido de liberdade e pertencimento era configurado de acordo com a descendência materna e as crianças eram tidas como filhos de todos os presentes no convívio familiar (TORRES 2005).

Nesta época da história, as descobertas de sobrevivência foram acontecendo: o surgimento da agricultura e domesticação dos animais mudaram o rumo da configuração social de família e a divisão do trabalho passou a ser feita de acordo com o sexo e a faixa etária. Essa revolução aconteceu pela necessidade de a comunidade permanecer no mesmo lugar por mais

tempo, abandonando o nomadismo e abrindo caminhos para que o homem tivesse a consciência de que poderia ter um domínio maior da natureza. (COSTA, 2005)

Este fato aconteceu devido a um momento único na vida da mulher: a maternidade. Elas detinham o poder por conta de sua agraciada força de conseguir colocar o ser humano no mundo, porém, quando os homens descobriram que também faziam parte deste processo de fertilização, tornou-se seguro e ganhou forças para assumir uma figura opressora.

“Iniciou-se, então, a era do patriarcado, regime social em que o patriarca exerce autoridade sobre sua propriedade. As regras de descendência eram patrilineares, os casamentos, patrilocais; e heranças e a sucessão, determinados pelo lado masculino” (ROCHA, 2009, p. 47)

A partir desse acontecimento, as mutações e transformações do papel masculino e feminino passaram por períodos da história de organização social no qual as relações de poder sempre favoreceram os homens.

“A ideologia patriarcal existe há cerca de 5 mil anos e sua história se confundiu com a própria civilização humana. Essa estrutura fomentou a sujeição física e mental, restringiu a sexualidade e cerceou a liberdade feminina. O patriarcado colocou a mulher submissa ao homem. O corpo feminino não pertencia mais à mulher, e sim, ao homem; ele por sua vez, a possuía quando fosse a hora, ou melhor, quando decidisse” (ROCHA, 2009, p. 49).

A construção do funcionamento das sociedades humanas teve um de seus lados favorecidos, enquanto o outro foi vítima de um assemealhamento de subordinação, obediência, silêncio e abdicção. É a partir desse momento em que a discussão sobre os papéis de gênero e suas relações se intensificam. “Gênero refere-se às relações sociais desiguais de poder entre homem e mulher que são resultado de uma construção social do papel do homem e da mulher a partir das diferenças sexuais” (CABRAL, 1998, p 142). E por conta dessa construção a mulher, como ser insurgente, passou a questionar e lutar para a sua emancipação.

Chimamanda Ngozi, no livro “Sejamos todos feministas” afirma que o problema da questão de gênero é que ela prescreve como devemos ser em vez de reconhecer como somos. O silenciamento da história da mulher bem como a sua invisibilização nos mostra hoje, a necessidade de busca da continuação da sua emancipação, haja vista que esse processo tem sido contínuo há séculos por diferentes portas de entrada que eles jamais tiveram o interesse em cedê-las.

É pela força de vontade de muitas mulheres que hoje ocupamos espaços em todos os campos sociais, ainda que em certa época esses campos estivessem restritos. A sua presença

teve fundamental importância para a tomada de muitos rumos, porém, nunca foram reconhecidas ou premiadas como os homens. O mundo, então, tem uma enorme dívida e reparação histórica com elas.

Quando falamos de reparação, consideramos que devemos resgatar o tempo e os espaços que lhe fora suprimido, mais que isso, foram impedidas de contar a própria história, fomos excluídas dos ângulos de posições de poder, até de vestir calças e sentirmos prazer. Agora, a mulher por sua emancipação, pede liberdade abarcando outros espaços e outras dimensões. Cecília Meireles falou sobre isso: [...] *ser livre é ir mais além: é buscar o outro espaço, outras dimensões, é ampliar a órbita da vida. É não estar acorrentado. É não viver obrigatoriamente entre quatro paredes* [...] (MEIRELLES, 2001, p. 7)

Por mais romântica que pareça ser a sua fala, a busca por tanta liberdade trouxe custos na nossa história. Foram duras batalhas para cada conquista e a partir disso no tornamos sabedores de vários acontecimentos marcantes de luta: o direito ao sufrágio, a queima dos sutiãs, a irreverência de querer vestir calças, inserção da mulher na ciência, e a mulher no esporte. E é por essa faceta que vamos conhecer a força delas, além de marcarmos a sua presença, sobretudo no Amazonas, norte do Brasil. O Amazonas é um espaço particularmente peculiar, e conheceremos a mulher atleta daqui.

Sobre o protagonismo da mulher inicialmente devemos lembrar que ela sempre esteve presente no esporte, porém, a sua participação não era quase vista e, o que se modificou de acordo com os interesses do modelo de sociedade à época, predominantemente eurocêntrica e masculinizada (SIMÕES, RUBIO, 1999) e por isso o esporte como fenômeno social também se espelha como um fenômeno masculino.

“O esporte é como uma tela onde se projetam valores culturais de cada sociedade na qual ele é praticado, reproduzindo seus sistemas hierárquicos e suas peculiaridades sociais” (SIMÕES, RUBIO, 1999, p 51).

Logo, quando pensamos em esporte e sociedade, certamente o consideramos o reflexo do que acontece em nossa esfera social. E isso é muito visível. A mídia, por exemplo, se encarregou durante muito tempo de tornar a mulher invisível, visto que ela tem fundamental importância na construção do imaginário social. Em um estudo feito por Souza (2007) sobre mulheres e seu aparecimento na mídia, os resultados mostraram que a força da cobertura midiática entre homens e mulheres possui uma diferença de quase 600%, enquanto o estudo de Fornari (2019) aponta que quando as mulheres são retratadas na mídia, primordialmente são

identificadas como mulheres e posteriormente são identificadas como atletas. Como se ser mulher e ser atleta tivesse algum antagonismo.

Significa dizer que a invisibilidade da mulher está comprovada e que seu destaque em grandes conquistas esportivas na sociedade, mesmo sendo um fato, é menos divulgado que os feitos masculinos. Logo, a mulher precisou da irreverência e coragem para não somente ocupar locais da cena esportiva, mas também para ter o seu devido reconhecimento. Essa luta por espaço, reparação e devido reconhecimento perdura até nos dias de hoje e por aqui enxergamos grande avanço.

Conhecido por proibir a participação de mulheres em suas primeiras edições, os Jogos Olímpicos da era moderna e seu principal fundador, Barão de Coubertin, acreditava que a participação da mulher não era vantajosa para a competição acreditando-se que a sua presença seria capaz de vulgarizar o espetáculo esportivo. Passados os anos, hoje podemos acessar a página do Comitê Olímpico Internacional – COI, em uma aba especial de mulheres com letra garrafais e o seguinte slogan: “Promoção da igualdade de gênero no esporte”.

Isso representa a mudança e a conquista do espaço pelas mulheres.

Outra conquista que devemos ressaltar é a primeira cobertura da mídia televisiva em canal aberto da Copa do Mundo de Futebol Feminina. Apesar de sua transmissão ser garantida pelo artigo 84 da Lei Pelé nº 9.615 de março de 1998 na qual determina que ...”Todos os jogos das seleções brasileiras de futebol, em competições oficiais, deverão ser exibidos, pelo menos, em uma rede nacional de televisão aberta, com transmissão ao vivo, inclusive para as cidades brasileiras nas quais os mesmos estejam sendo realizados”, somente em sua oitava edição no ano de 2019, o jogo feminino teve o seu momento. Além da histórica transmissão, também houve uma enorme repercussão diante da mídia, se tornando a edição de Copa do Mundo mais vista da história, marcando os maiores pontos de audiência na TV. Maiores até mesmo do que o próprio futebol masculino em alguns países.

Essas recentes conquistas que vêm modificando profundamente a ocupação de espaço nos esportes são frutos de histórias que merecem ser citadas, visto que a irreverência feminina é algo naturalmente emocionante, tanto que Stamati, uma mulher grega de origem pobre, foi apelidada de Melpomene (deusa grega da tragédia) após ter corrido extraoficialmente a maratona masculina, fazendo a sua última volta por fora do ginásio, porém ultrapassando recordes masculinos. Oliveira (2008) afirma que seu apelido fora uma forma de evidenciar apenas o drama e rebeldia de sua coragem, e não o seu grande feito. A desqualificação da mulher é uma antiga arma de argumentação quando ela tenta se projetar e ganhar independência.

No início do século XX, após o fim da primeira guerra, uma famosa remadora, inclusive a primeira a receber o seu diploma de atleta de remo a longa distância, Alice Melliart, com o intuito de desafiar a recusa da Federação de Atletismo de incluir mulheres em suas provas nas olimpíadas, criou a Federação Esportiva Feminina Internacional – FEFI – era conhecida porquê [...]destacava-se em acompanhar, confirmar e supervisionar os recordes, estabelecer regras e promover os esportes femininos em geral” (OLIVEIRA, p. 120). Além disso, esta Federação pressionava fortemente o Comitê Olímpico Internacional – COI e a Federação Internacional de Atletismo Amador – FIAA.

Foram realizadas competições com participações exclusivamente femininas para garantir o seu direito de prática. À esta época, por fora da esfera esportiva, já aconteciam congressos da Liga Internacional das Mulheres pela Liberdade, enquanto as “jupes-cullotes” (saia calção) já haviam chocado as pessoas, sobretudo o universo masculino. (SANTANA 2019)

. No Brasil, Bertha Lutz, importante ativista do movimento feminista no Brasil, inspirada pela inovação da chegada da Semana de Arte Moderna de 1922 e pela criação do Partido Comunista Brasileiro neste mesmo ano, criou a Federação Brasileira para o Progresso Feminino. (RODRIGUES, 2019). Apesar das grandes revelações contra o sistema patriarcal, ainda não tínhamos o direito ao voto, mas estávamos engajadas e determinadas a subir mais degraus. Em 1936 a FEFI foi dissolvida, visto que o COI acatou a inserção das mulheres nos Jogos. Para ela, seu objetivo tinha sido atingido.

A partir de então, as mulheres percorreram uma trajetória marcada por momentos especiais: a primeira medalha, as primeiras provas de modalidades, os recordes, e sobretudo as incríveis superações.

No Brasil, a participação da mulher nas olimpíadas aconteceu de forma tardia, porque a sua inserção em qualquer esporte e prática esportiva até metade do século XX era irrisória (PERES, 2004). Para quebrar o Jejum, Maria Lenk, na década de 30 foi a primeira brasileira e sul-americana a participar de um evento olímpico, e nessa mesma época, foram criadas algumas competições voltadas para mulheres, dentre elas, os Jogos Femininos do Estado de São Paulo.

Passando por breves momentos marcantes das mulheres em participação de competições, percebemos que a vontade de ocupar esses espaços sempre existiu, visto que quanto mais havia incentivo, mais havia mulheres envolvidas. Ainda assim, aconteceram alguns momentos pontuais de regressão em nossa história: em 1941 ocorreu a criação do Conselho Nacional de Desportos, e a sua existência trouxe consigo um decreto que restringia a

participação da mulher, mais especificamente no artigo 54 onde dizia que a prática esportiva feminina não era compatível com a sua feminilidade. OLIVEIRA (2008, p.123) acredita que “esse decreto incorpora as representações sociais e práticas voltadas para as formas *feminis* e maternidade da mulher”; Rubio, Veloso, (2019, p. 51) colaboram: “As mulheres brasileiras precisam resistir e enfrentar políticas que impediram e retardaram as práticas esportivas ao longo do século passado” e que até hoje assombram as nossas perspectivas de investimento e expansão do número de praticantes, porém as pautas progressistas voltado para o desenvolvimento e maior alcance da mulher nos espaços pouco ocupados por elas, utilizam os grandes avanços como impulso para reverter o que claramente se tornou um projeto político de dominação masculina (RUBIO, VELOSO 2019).

O tempo mostrou o resultado da sua insurgência nesta segunda década do século XXI, hoje uma mulher serve de figura representativa para outras mulheres através do campo esportivo, o que para nós, representa uma significativa virada de valores. Ou seja, se antes, praticar esporte era um ato de rebeldia, hoje conseguimos demonstrar o papel da mulher na sociedade através de sua prática.

Um exemplo de figura representativa do esporte é a ginasta Nádia Comaneci, conhecida por alcançar a primeira nota dez da história, o que parecia impossível para todos. A sua leveza, complexidade de movimentos, alinhamento, execução e plasticidade mudaram para sempre a história da ginástica mundial que por conta dos seus resultados mudou de patamar, passando então a ser referência na modalidade.

4.1.2 Mulher atleta e competição -dados históricos e sociais.

As modificações na colocação da mulher como pessoa importante nas representações sociais são carregadas de histórias e momentos valiosos para o nosso contexto. O que é ser uma mulher atleta num mundo onde os sentidos e significados estão muito latentes no nosso convívio onde as nossas relações de rompimento de paradigmas estão sofrendo modificações intensas a cada dia? Para respondermos à essa pergunta é importante lembrar que os fatores que influenciam o mundo feminino são trazidos consigo e se entrelaçam dentro de sua trajetória como atleta, ou seja, a maternidade, o machismo, os fatores fisiológicos, as perspectivas de trabalho, a feminilidade, a sexualidade e todas as questões que permeiam os momentos na trajetória de vida da mulher.

A mulher atleta pós-moderna possui novas histórias que marcam o seu novo tempo e assim conhecemos a força da sua presença. Assim, conhecemos Oksana Chusovitina, uma das ginastas olímpicas mais antigas praticantes na atualidade. Há 31 anos como ginasta, compete

há oito ciclos olímpicos e já prometeu se aposentar três vezes, mas nunca conseguiu se afastar de fato. Oksana é do Uzbequistão, porém possui uma história muito interessante com a Alemanha. Ao descobrir que seu filho estava com leucemia, decidiu optar por competir pela bandeira alemã para custear o tratamento da criança que se curou em 2008. Oksana foi campeã olímpica, foi campeã mundial ao longo de sua carreira e mesmo com o passar dos anos ainda consegue se manter em destaque.

Em 2016 se classificou em quinto lugar na prova de saltos e foi para as finais. Mesmo tendo prometido parar, ela se mostra firme e supera a expectativa de vida de uma mulher atleta que geralmente dura um ou dois ciclos olímpicos. Hoje, como a única ginasta a participar de sete olimpíadas, planeja se classificar para Tóquio, onde terá quarenta e cinco anos.

Em diversas entrevistas, Oksana disse que não conseguiu se aposentar nas olimpíadas em solo brasileiro e que ficou apenas dois dias sem treinar, porém não conseguiu ficar longe das quadras. Oksana, aos 44 anos, ainda se sente vigorosa e segue em busca de novos desafios dentro da ginástica.

Com este exemplo podemos perceber que a perspectiva da mulher em relação à assuntos comumente tratados como tabu estão tomando novos rumos. Se antes a carreira esportiva da mulher atleta não tinha nenhuma perspectiva de continuidade, hoje entendemos que a mulher ainda busca caminhos de conciliar a sua carreira com os compromissos esportivos que naturalmente são característicos de abdicar do convívio familiar e superação mental e física.

Em outros relatos em matérias jornalísticas, outras atletas colegas de profissão de Oksana se mostraram motivadas e incentivadas pela atleta depois que ela resolveu não só continuar sua carreira como atleta, mas buscou sobretudo uma forma de utilizar dessa condição para poder custear o tratamento do filho, que encarou uma longa jornada no tratamento de leucemia.

Além da perspectiva de prolongamento da carreira, também temos a perspectiva de duração de sucesso e resultados no pódio após tanto tempo de competição. Oksana relata que a sua memória muscular é uma ótima jogada para que sua estratégia sempre funcione: ela mentaliza toda a sua série de exercícios que precisará executar durante o treino e competição. Durante o treino, apenas utiliza duas horas do seu tempo para se exercitar. Sua estratégia de permanência evidencia o quão inteligente é sua percepção de sucesso e até onde pode chegar.

Outro exemplo que podemos citar sobre a longevidade no esporte é a atleta russa de salto com vara Elena Isibayeva. Com 37 anos, Elena já bateu o recorde mundial 30 vezes. Essa marca é fruto de sua inteligência em criar estratégias de permanência com o maior feito:

sabendo que pode saltar muito mais que a capacidade exigida, Elena estabelece metas a serem batidas pouco a pouco, respeitando o tempo e sempre prolongando os seus resultados no pódio.

Infelizmente com escândalo revelado pelos tabloides sobre o esquema de antidoping patrocinado pelo Estado russo, o atletismo da Rússia foi banido dos Jogos Rio2016. Como atleta, Elena acompanhou os Jogos de perto e se mostrou descontente com toda a situação. Agora aposentada como atleta, segue carreira como membro do Comitê Olímpico Internacional – COI e luta pelo fim da punição e consequente proibição de atletas russos participarem de competições mundiais importantes.

No futebol também se destacam mulheres como Marta Silva, atacante da Seleção brasileira de futebol, considerada seis vezes a melhor jogadora do mundo e recentemente considerada a melhor artilheira da história da Seleção Brasileira entre os naipes masculinos e femininos. Sua história profissional é marcada por momentos de luta onde ela faz questão de debater sobre gênero no esporte dentro e fora de quadra. Em 2019, durante um dos jogos em copa do mundo, ao fazer um gol, mostrou sua chuteira onde constavam apenas as cores azul e rosa, simbolizando a busca por igualdade de gênero. Esse gesto foi feito em resposta à proposta feita por uma marca de roupas esportivas que ofereceu patrocínio a ela, porém, o valor recebido por tal patrocínio se mostrava inferior ao recebido por homens patrocinados pela empresa. Segundo a própria Marta, o valor oferecido chegou a ser menos da metade do valor dos patrocínios fornecidos os homens.

Além desse gesto, Marta fez questão de entrar em quadra usando batom. Esse gesto foi alvo de muitas críticas durante a copa e dividiu opiniões: ora se mostravam a favor da utilização do batom como símbolo de empoderamento feminino, ora se mostravam contra, visto que o batom poderia mascarar a visibilidade e os feitos da atleta. A questão é que o batom, como símbolo de feminilidade mostra o grande enfrentamento aos paradigmas do futebol à época que se acreditava que mulheres atletas e futebol não era uma combinação, visto que o esporte de contato não favorecia a feminilidade e a natureza da mulher. Marta, com seu batom em quadra mostrou que a mulher é livre para fazer as escolhas que quiser, bem como ser feminina ou não.

Outro marco esportivo feminino foi realizado pela atleta especialista em salto em altura Aída dos Santos. Ela foi a única mulher a participar da delegação brasileira nos jogos de Tóquio, em 1964. Quando era adolescente, foi chamada por uma amiga que já praticava atletismo a participar das aulas que tinham na Vila Olímpica do Rio de Janeiro. Logo foi reconhecida pelos técnicos a sua grande capacidade de saltar foi destaque em todas as competições que participou até galgar a vaga olímpica que a levaria para a edição daqueles jogos. Muito pobre, Aída ao

ganhar a sua primeira medalha apanhou dos pais ao chegar em casa contando o seu feito. O pai havia lhe dito que ela precisava ajudar em casa e o esporte não lhe renderia nenhum dinheiro, mas ela resolveu enfrentar os desafios e continuou treinando sem ao menos ter uma estrutura básica para que pudesse ter os melhores resultados. Aída conta que a vila não possuía sequer iluminação adequada e já treinava no escuro pois chegava tarde do trabalho, ainda tinha que ir ao colégio e realizar tarefas domésticas.

Tendo conquistado a sua vaga rumo à Tóquio, Aída saiu em busca do sonho olímpico e foi para os Jogos de 1964 sem nenhuma condição de poder participar. Os dirigentes à época sequer cederam o uniforme de desfile, roupas e sapatos de competição e uma equipe técnica para lhe dar suporte. Ao chegar na vila dos atletas, Aída, relata em documentário que apenas andava de bicicleta, treinava e chorava muito. Nesta competição os atletas tinham direito a ganhar um tipo de kit onde tinham direito a uma bolsa do evento e um par de sapatos, porém não pôde receber esse kit, visto que os dirigentes brasileiros também não haviam inscrito seu nome na lista para tal. Após ajuda de amigos que havia feito por lá, conseguiu um tênis não específico para a sua modalidade e foi competir.

Acostumada a treinar em chão de areia, Aída chegou a torcer o pé quando se deparou com outro tipo de material utilizado no impacto dos atletas. Ajudada pela delegação de cuba e pelos médicos cubanos, Aída enfrentou em campo atletas que possuíam equipes completas de assistência e conseguiu ficar em quarto lugar na competição, feito histórico para o Brasil.

Essa história aconteceu há pouco mais de cinquenta anos, mas desde já a mulher se destacava mesmo que tentassem silenciá-la ou impedi-la de competir. Aída foi a uma olimpíada sem roupas e calçados adequados, sem dinheiro, sem intérprete, sem técnico e sem nenhuma orientação, porém, ficou entre as melhores, e para ela, o quarto lugar foi como se ela tivesse ganhado ouro.

A história dessas mulheres mostra a transição de seu papel secundário na sociedade para protagonista como representante da sua nação. É interessante perceber que a mulher atleta dentro e fora de quadra precisa enfrentar desafios que foram impostos pela dominação masculina, sempre voltados em questões culturais, sociais, biológicas e psicológicas Simões (2005). Mas parece que as mulheres só devem ter o merecido reconhecimento e incentivo quando fazem um feito heroico semelhante ao resultado de Aída, o que não é justo.

Junto a ela somam-se histórias de atletas de destaque como Daiane dos Santos, a primeira ginasta entre homens e mulheres a se destacar em uma competição mundial de Ginástica Artística. Daiane é considerada uma das maiores atletas de todos os tempos.

Outra atleta que merece destaque por conta dos seus resultados é a velocista e medalhista de ouro nos Jogos Olímpicos de Pequim 2008, é Maurren Maggi. Ela é considerada um dos maiores nomes do atletismo feminino e mesmo depois de ter sido consagrada em sua carreira como atleta, enfrentou dificuldades com doping e patrocínio, chegando a utilizar de seus próprios recursos para poder participar de competições mundiais.

4.1.3 A mulher atleta no esporte amazonense

A mulher amazonense também possui a sua história no esporte, porém, antes do seu destaque, a Amazônia, que fora sempre associada à exuberância, diversidade e exotismo teve a mulher como uma das figuras mais representativas da sua narrativa. Da Silva (2018) afirma que há um entrelaçamento entre o imaginário feminino amazônico, pautado no mito das lendas das Amazonas, e a realidade da mulher amazônica, que hoje, permeia entre as relações de globalização e abarcam questões que estão em comum com as pautas eminentes não somente no Brasil, mas também no mundo.

Isso significa dizer que a mulher amazonense hoje vem enfrentando parecidos problemas e inquietações das outras mulheres de diferentes localizações. É claro que o contexto geográfico tem grande peso quando pensamos em aspectos socioculturais relacionados ao processo histórico de submissão e dominação masculina. O maior exemplo deste contraste, conversa com dois momentos históricos diferentes no mesmo período que segundo Torres (2005) é marcado pela ameaça da troca dos papéis sexuais no período renascentista em oposição com a literatura imaginária da lenda das Amazonas, únicas que gozavam de liberdade igualitária aos homens. Costa (2005) aponta que a ideia de Amazônia pensada como inferno e paraíso carregado de sentidos e significados e realçados por lendas e mitos gerou expectativas além da conta, porém ainda é preciso compreender que, longe de ser um lugar paradisíaco ou infernal, apenas possui um processo de colonização diferente dos demais locais.

Resultado deste processo de colonização, hoje temos mulheres que também buscam avanços nas áreas de crescimento no campo social e profissional e o esporte vai de encontro à esses momentos visto que processo de desenvolvimento do nosso Estado andou acompanhado

o crescimento de novas perspectivas mundiais, onde o esporte também ganhou oportunidades de ser um fenômeno que participe do resultados dessas transformações.

Como resultado dessa perspectiva descobriram mulheres de grande relevância no Amazonas advindas de momentos de grande marco na história do esporte amazonense e de investimento na carreira esportiva e todos os seus desdobramentos como forma de continuar envolvida com a modalidade.

O primeiro exemplo de mulher amazonense de destaque é a professora doutora Artemis Soares. Titular da Universidade Federal do Amazonas, professora de Educação Física e duas vezes imortal, uma pela Academia Amazonense de Letras – AAL e outra pela Academia Brasileira de Educação Física – ABEF. A professora Artemis participou do processo de implantação da Ginástica Rítmica no Amazonas, modalidade praticada em sua maioria por mulheres e hoje, uma das modalidades mais praticadas no Estado, enquanto técnica se consagrou vice-campeã brasileira escolar e conseqüentemente como uma das grandes técnicas na história do Brasil, seguindo seus estudos na pesquisa, a professora Artemis foi uma das primeiras pessoas a estudar em nível de pós-graduação assuntos referentes à ginástica rítmica.

Além disso, a professora foi uma das fundadoras da Federação Amazonense de Ginástica onde já atuou como presidente e vice-presidente. Incansável em sua missão do fomento à modalidade, recentemente fundou um novo clube de ginástica intitulado de Art's Gym Club que já estreou em Caldas Novas com um grupo de Ginástica Para Todos – GTP, já fazendo história na modalidade visto que hoje no Amazonas não há mais grupos especificamente com essa finalidade formados.

A história da professora Artemis como pioneira influenciou gerações de mulheres que hoje são professoras e através do esporte encontraram a sua profissão. Pelo seu grande destaque como técnica, também inspirou e continua inspirando gerações de ginastas a galgarem a Seleção Brasileira de ginástica, visto que ainda se mostra como grande entusiasta da modalidade.

Outras grandes personalidades no Estado fez uma inesquecível história como atleta no atletismo no salto em altura é a atleta Orlane dos Santos que até hoje é detentora do recorde brasileiro de salto em altura. Campeã sul americana diversas vezes, foi descoberta em um programa da Coca-Cola que visava buscar novos talentos, e foi quando sua professora resolveu inscrever todos os alunos da sua classe. Orlane atuou como atleta durante vinte anos e ao longo da sua trajetória fez sucesso por onde passou, porém, ao escolher a sua profissão, decidiu mudar de ramo e seguir o seu grande sonho de ser arquiteta. Ainda durante a faculdade conseguia conciliar os treinos e competições com a sua formação, até que chegou o momento de se dedicar

integralmente à arquitetura e urbanismo, onde também conseguiu grande destaque na cidade de São Paulo no grande ABC. O exemplo de Orlane nos mostra que o sucesso profissional da mulher atleta pode derrubar barreiras e ir além da perspectiva das competições.

O terceiro destaque vêm de uma atleta do esporte Paralímpico. Campeã Paraolímpica, mundial e Parapan-americanos, Laiana Batista, por conta de sua altura, 1.82m, e praticante de vôlei foi convidada a participar da equipe de treinos do colégio La Salle e por conta dos seu desempenho, conseguiu patrocínios locais o que foi decisivo para ingressar de vez na carreira de atleta. De origem muito pobre, Laiana viu que poderia ter um grande futuro pela frente e foi quando se mudou para a casa de sua técnica, Lilian Picanço, onde lá ela tinha todo o suporte para poder continuar treinando. Foi quando repentinamente Laiana teve a síndrome de Guillain-Barré, doença em que o sistema imunológico ataca os nervos e teve sequelas no segmento das pernas. Laiana precisou retornar à casa da sua mãe, que tinha mais tempo para cuidar da sua enfermidade, porém não deixou de investir em sua carreira no ambiente esportivo e se tornou atleta de vôlei sentado, além de ingressar na faculdade de Educação Física.

Laiana foi convidada a ingressar a Seleção Brasileira de vôlei sentado e se mudou para o Estado de São Paulo, onde treina e mora, sendo integrante do clube Sesi-Pinheiros. Recentemente junto com a Seleção, Laiana foi vice-campeã de vôlei sentado no ParaPan, e está classificada para os Jogos Olímpicos Tóqui2020.

Em setembro de 2019, Flávia Mota, atleta do Esporte Clube do Iranduba foi convocada para a seleção brasileira de futebol feminino, sub-20. Flávia disputou a Liga-Sul-americana na Argentina. Desde muito nova, relata que o seu grande sonho como atleta é ingressar na seleção brasileira. Flávia traz consigo a história do seu clube. Em 2017, sofreram preconceito por serem atletas amazonenses no campeonato brasileiro, sendo vaiadas de “índias” em tom pejorativo. Em resposta às ofensas, as integrantes do grupo ao realizarem um gol, fizeram o gesto de arco e flecha em direção ao público. Este gesto foi marcante à época da competição, o que chamou atenção para a imprensa brasileira e o público amazonense. O clube foi destaque no Esporte Espetacular, além de conseguir lotar a Arena da Amazônia com a venda de mais de 20mil ingressos contra o clube do flamengo. Outro clube interessante no Estado do Amazonas chama-se 3B e fica localizado em um bairro central de Manaus. O campo do clube é localizado ao fim de uma rua e ao passar por ela, desde o seu início, percebemos que por toda a extensão há fotos das jogadoras penduradas nos postes, sendo que em sua maioria, todas são moradoras de lá. O mais curioso é que toda a rua se uniu em prol do desenvolvimento do futebol feminino, mostrando que é do interesse deles a projeção daquelas atletas.

5 METODOLOGIA

5.1 Caracterização do estudo

Trata-se de um estudo qualitativo de caráter exploratório, com suporte em Gil (2007), para que este tipo de estudo proporcione uma maior familiaridade com o problema que está em questão. A questão exploratória traz consigo a característica da utilização de levantamento bibliográfico, aliado às entrevistas e é por isso que os subdividimos em entrevista semiestruturada e busca virtual de narrativas, documentários, fotos e vídeos.

5.2 População e amostra

A população para esta pesquisa está constituída de mulheres atletas medalhistas em competições nacionais e internacionais nas modalidades de natação, ciclismo, vôlei sentado, tênis de mesa, ginástica rítmica, atletismo, tiro com arco, jiu-jitsu, judô, basquete e atletismo. A escolha das modalidades se baseia no fato de possuírem atletas amazonenses que tenham destaque nacional e internacional e tiveram suas atividades iniciadas no Estado. A amostra foi composta por 15 atletas que subiram ao pódio em competições oficiais das confederações e federações que regem as suas respectivas modalidades. Dentre as competições em que elas participaram estão inclusos os campeonatos sul-americanos, copas do mundo, Mundiais, Pan-americano, Parapan-americanos, Olimpíadas, Paraolimpíadas, Copas Norte e Nordeste e campeonatos brasileiros. Os critérios de seleção dessa amostra foram a disponibilidade e acessibilidade de atletas do ciclo definido.

5.3 Instrumento e coleta de dados

Para esta pesquisa foram utilizados dois instrumentos: o primeiro refere-se ao Questionário Socioeconômico da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa -ABEP (2017) para o controle de critério de classificação econômica e de variáveis de idade e sexo. O segundo instrumento refere-se à entrevista semiestruturada composta por três perguntas que

abordam o assunto sobre o momento da presença (entrada e permanência) da mulher no esporte. A elaboração de perguntas teve como base os autores Triviños (1987) e Manzini (1991) que afirma que a entrevista “[...] favorece não só a descrição de fenômenos sociais, mas também a sua compreensão e explicação da sua totalidade [...]” (TRIVIÑOS, 1987, p. 152). Já Manzini acredita que este tipo de entrevista favorece a obtenção de questionamentos surgidos durante a elaboração de hipóteses.

5.4 Procedimento de coleta de dados

Para a realização da coleta foi necessário: aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal do Amazonas sob o número CAEE: 10959419.9.0000.5020. No curso da pesquisa foi constatado que a maior parte das atletas residiam fora de Manaus, *locus* da pesquisa, portanto foram necessárias algumas mudanças para que a coleta fosse realizada de maneira eficaz. As atletas foram contactadas previamente para a aplicação do estudo.

Logo, o questionário ABEP foi realocado para uma versão online na plataforma de formulário Google Forms, bem como o arquivo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (ANEXO II), que foi acrescentado à plataforma DocusSign para a geração de assinatura automática por parte da participante.

Após a primeira abordagem por meio de redes sociais e busca pessoal, conseguimos os contatos particulares dos sujeitos envolvidos. A seguir fizemos o envio dos documentos digitalizados bem como o conteúdo das entrevistas. Primeiramente foi pedido para que cada atleta respondesse ao questionário ABEP no GOOGLE FORMS e às perguntas exclusivamente por áudio por meio do aplicativo WhatsApp. As instruções de preenchimento determinavam que não houvesse limite de tempo para as respostas da entrevista, e assim que houvesse a necessidade de captar alguma informação adicional, a entrevistadora perguntaria livremente sobre o assunto posteriormente.

O procedimento de respostas demorou em torno de 20 minutos por entrevista. Para GIL (2010) a entrevista semiestruturada é uma técnica eficaz voltada para pesquisas no campo das ciências sociais pois traz grande flexibilidade sobre a investigação, tendo em vista que as mesmas perguntas são lançadas à sujeitos diferentes, porém ocorrem variações de respostas.

Utilizamos da tecnologia por ser uma nova ferramenta de comunicação que certamente encurta processos de contatos e facilita a necessidade de conexões com pessoas que se encontram distantes. Segundo Hino (2019) a tecnologia tem mudado a forma como vivemos,

sobretudo como nos comunicamos e o uso do celular tem se tornado o principal meio de acesso a comunicação. Além disso, a tecnologia tem flexibilizado as demandas do dia-a-dia, e o celular, por se tratar de uma ferramenta portátil, nos auxilia diretamente na comunicação. Esta pesquisa se beneficiou deste recurso para obter os melhores resultados.

Por fim, os áudios foram transcritos para arquivo em Word a fim de serem analisados em seguida, enquanto o formulário do GOOGLE FORMS automaticamente gerou resultados prévios como a porcentagem de respostas que facilitou a interpretação e utilização dos dados posteriormente.

5.5 Procedimento de análise de dados

Nossa opção para trabalhar os dados tem fundamento na obra de BARDIN (1979) que apresenta uma técnica no âmbito da pesquisa qualitativa intitulada “Análise de conteúdo”. Ela define esta análise como:

“Um conjunto de técnicas de análises das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2011. P 47)

Considerando que a autora afirma que a análise de conteúdo é uma forma de aprender que tipo de legado foi deixado após todo o trabalho feito e que alguns estudos seguiram a mesma linhagem metodológica, neste estudo resolvemos seguir as três fases orientadas por Bardin (2011) que são divididas em Pré-análise, Exploração do material e Inferência dos dados.

Na fase de Pré-análise foi realizada a leitura de todo o material coletado por diversas vezes. Este primeiro contato permitiu que nós tivéssemos o conhecimento de todo o conteúdo que fora obtido, além das primeiras impressões sobre os possíveis resultados. Logo após passamos para a fase de Exploração do material.

Na fase de exploração do material os dados obtidos foram categorizados. Então foi construído um quadro no qual os dados categorizados foram divididos em subcategorias e por temas que mais tivessem aproximação. Cada categorização foi decodificada através de uma unidade de contexto. Nesta unidade constam trechos de entrevistas que justificam a sua colocação naquela categoria e subcategoria.

Em outro quadro estas unidades de contexto foram decodificadas através de unidade de registro, onde é possível identificar de qual registro foi retirado o contexto surgido para a categorização do conteúdo.

Na fase de inferência, as categorias serviram de base para o enquadramento e contextualização do assunto com referências nos registros e contextos dos conteúdos.

6 RESULTADOS

Os resultados foram organizados em três níveis: 1°. Envolvimento com a modalidade, 2°. Investimento na carreira esportiva e 3°. Permanência no esporte. A separação entre os níveis está baseada nos diferentes contextos de vida da mulher atleta contemplados neste estudo.

6.1 Característica gerais das agentes colaboradoras.

Esta seção visa apresentar o perfil das mulheres atletas amazonenses que participaram dessa pesquisa tendo em vista de aproximarmos as suas características do contexto atual

As atletas entrevistadas possuem entre 21 e 52 anos com período de prática esportiva entre 05 e 20 anos. Hoje 60% dessas mulheres residem fora de Manaus e 84,6% são chefes de família, ou seja, são as que mais contribuem com sua renda mensal nas despesas familiares. O IBGE (2017) aponta que o crescimento de mulheres chefes de família ultrapassa os 30 milhões. Isso representa quase 20 milhões a mais do que o censo anterior, realizado em 2002.

Dentre as 15 participantes, sete são casadas ou possuem união estável, enquanto as demais permanecem em um relacionamento que consideram sério, e duas estão solteiras.

Em relação à profissão, 11 participantes continuam atuando como atletas, sendo que duas atuam exclusivamente na carreira enquanto três, além de atuarem como atletas, também são professoras. Duas participantes são acadêmicas de educação física, enquanto apenas uma ainda concluirá o ensino médio no final do bimestre de 2019, e pretende ingressar na faculdade de educação física. Duas ex- atletas atuam exclusivamente como técnicas na mesma modalidade em que eram atletas, e ingressaram em outro esporte como atletas amadoras apenas para a manutenção da saúde e bem-estar.

Duas ex atletas não seguiram na carreira esportiva e resolveram investir em outros projetos profissionais fora do campo esportivo.

6.2 Características Gerais das modalidades

Para elucidar melhor o contexto da presença feminina no esporte amazonense colocamos a trajetória das mulheres de forma resumida dentro das modalidades que elas praticam.

6.2.1 Atletismo

Considerado como a formato mais antigo de competição existente, no Brasil a sua prática foi iniciada no século XIX, em 1920, e apenas anos mais tarde, em 1960, houve uma representante brasileira nas provas do atletismo. A inclusão tardia das mulheres em uma modalidade tradicional do esporte reflete o atraso de pensamento do país em questões de gênero e ao seu investimento nas carreiras das mulheres atletas.

Aída dos Santos, participante de duas edições dos Jogos Olímpicos, especialista em salto em altura. Por conta do preconceito sobre a presença feminina no esporte, viajou para as edições dos Jogos sem nenhum suporte, inclusive sem seu técnico, mas ainda assim conseguiu o grande feito de se tornar a primeira mulher brasileira a participar de uma final de Jogos Olímpicos.

No Amazonas, Guilherme Nery e Waldir Oliveira foram os grandes entusiastas do atletismo, inseriu a modalidade no Estado por volta da década de 40. Nos anos 70 e 80, consideradas épocas de ouro para a modalidade. O professor Geraldo Teixeira revelou grandes nomes como Orlane dos Santos, Maria Nilba e Eliane Campos e Wellington Nóbrega.

Em Manaus, contamos com a pista de atletismo nos padrões internacionais no interior da Vila Olímpica de Manaus, além de competições que ajudam a fomentação do atleta de alto rendimento. O atletismo foi fundamental para que o desenvolvimento de outros esportes ocorresse, servindo de base e modelo estrutural.

6.2.2 Ginástica Rítmica

Conhecida como uma modalidade que destaca a plasticidade feminina, a Ginástica Rítmica chegou ao Brasil em 1950 através da professora húngara Ilona Peuker. A primeira participação do país em uma competição aconteceu em 1961 com a Ginasta Daisy Barros juntamente com o Grupo Unido de Ginastas – GUG. Em 1978, Rosane Favilla foi a primeira brasileira a participar de uma edição de Jogos Olímpicos.

No Amazonas a modalidade foi implantada através da professora Artemis Soares após curso preparatório fora do Estado. Como técnica e dirigente, ela obteve muitos resultados positivos, sendo bicampeã nos Jogos Escolares Brasileiros – JEB´S, campeonatos brasileiros e competições regionais e estaduais. Em 2009, a amazonense Bianca Maia integrou a Seleção Brasileira de Ginástica Rítmica de Conjuntos, sendo em 2011 campeã Pan-americana. A ginástica rítmica no Amazonas possui um histórico rico de vitórias em competições nacionais, sendo, portanto, uma modalidade que é muito importante para o público feminino, visto que no

Amazonas, existem apenas mulheres praticantes. Hoje esta é uma das modalidades mais praticadas em Manaus.

6.2.3 Natação

A natação também conhecida como um dos esportes mais tradicionais na história, tendo a fama de ser uma prática milenar realizada em mares e rios abertos. Apenas em 1930 as piscinas fizeram parte das competições e os seus primeiros torneios aconteciam em meados do século XIX. Para as mulheres, sua participação em relação a outros esportes aconteceu cedo: em 1912 já havia competidoras em Jogos Olímpicos, sendo Sarah Funny Durak a sua primeira medalhista de ouro.

No Brasil, temos Maria Lenk, a primeira nadadora brasileira e sul-americana em Jogos Olímpicos. Mais que uma participante, ela foi recordista durante a sua vida como atleta e nadou até os 92 anos. A sua presença como mulher e representante da modalidade é certamente um legado para a história do Brasil.

No Amazonas, a primeira piscina clorada em Manaus foi inaugurada em 1962 no Atlético Rio Negro, porém a prática da atividade se deu início de fato em 1937. Nas décadas de 70, 80 e 90 e 2000 houve muitos destaques masculinos como Eduardo Picinini, participante das olimpíadas e recordista sul-americano, e a Aly Filho e alguns femininos como Martina Caminha, Ana Claudia Lopes e Luciana Trunkel. Hoje, em 2019 temos a medalhista olímpica amazonense na seleção brasileira: Daynara de Paula, e recordistas Norte Nordeste: Elysa Maia e Luisa Marilac. A natação é uma modalidade que possui uma história muito consistente em relação a inserção das mulheres e por isso, possui grande destaque.

6.2.4 Judô

O Judô é considerado uma arte marcial esportiva. Segundo a Confederação Brasileira de Judô – CBJ, esta é uma arte que serve tanto para atacar quanto para defender. Jogoro Kano é o fundador desse estilo de luta. O Judô pode ser praticado por todos os gêneros, sem distinção de idade, peso ou altura.

No Brasil, o primeiro campeonato para mulheres aconteceu em 1975. Como esporte olímpico, apenas em 1992 foi introduzido nos Jogos Olímpicos em Barcelona. Apesar de ser uma prática milenar, as lutas no Brasil sempre foram vistas como uma forma de masculinizar a figura feminina. No Amazonas a modalidade é bastante praticada e possui destaque nacional e

internacional com atletas femininas convidadas a ingressar a seleção brasileira e campeãs brasileiras, como Carolina Dourado em 2004 e Angelina Angelin em 2005 e Thayná de Ceselles em 2013. Nos destaques masculinos temos Tarson Alves e Luís Leopoldo, ambos campeões sul-americanos.

6.2.5 Ciclismo

O ciclismo é um esporte bastante antigo, surgido desde a invenção da bicicleta. Sua participação em Jogos Olímpicos acontece desde a sua primeira edição da era moderna em 1896. A primeira participação do Brasil aconteceu apenas em 1936, porém com uma equipe inteiramente masculina. Apenas em 1988 a prova feminina foi incluída. Apesar da sua participação tardia, sabe-se que no final do século XX, uma entusiasta da prática, Maria Ward, escreveu o livro intitulado “ciclismo para mulheres” e apesar de ter sido considerado extremamente radical, inspirou outras mulheres a perder o medo de andar de bicicleta.

No Amazonas a modalidade se desenvolve ainda de maneira tímida, apesar de seu crescimento, porém alguns resultados são expressivos, como as medalhas das competições Norte-Nordeste. Em 2017, foi criado um grupo de ciclistas mulheres para fazerem trilhas e montanhas, característica da modalidade, além da busca pelo aumento de praticantes femininas na modalidade.

6.2.6 Jiu-jitsu

Com origem no Japão, o jiu-jitsu chegou ao Brasil em 1915 é uma arte marcial que objetiva trazer ao seu lutador um método de defesa sem armas. Apesar de ter se tornado legal em 1970, foi apenas em 1985 que as mulheres começaram a praticar.

O Jiu-Jitsu é considerado uma arte suave, porém não está incluso nos Jogos Olímpicos por conta de diversos fatores, dentre eles, o número de confederações oficiais que existem na modalidade, na qual não se define qual é a oficial.

No Amazonas, o Jiu-Jitsu feminino possui grandes destaques como a campeã sul-americana Rebeca Rodrigues, e campeãs brasileiras Lohanna Souza e Andrezza Façanha e Samilly Alencar.

6.2.7 MMA

Conhecida por Artes Marciais Mistas, o MMA é um esporte de combate que também não está incluso nas olimpíadas, porém possui o seu próprio evento, intitulado de Ultimate Fight Championship. Essa modalidade mistura várias técnicas de outras lutas como o boxe, judô, jiu-

jitsu e muat-thay. No Brasil a modalidade foi consolidada graças a família Gracie que em 1920 já utilizava as primeiras técnicas implantadas na modalidade. A inserção das mulheres no esporte aconteceu vagarosamente, tanto que apenas em 2000 lutas em competições oficiais começaram a existir. Depois disso, mais de 10 anos se passaram até que o segmento feminino ganhasse verdadeiros investidores. Ronda Rusey foi a mulher atleta precursora do estilo e hoje é uma das pessoas mais bem pagas do UFC.

O Amazonas possui José Aldo como seu principal campeão: ele defendeu o cinturão muitas vezes e se manteve invicto por bastante tempo. Enquanto as mulheres, apenas no ano de 2016 aconteceu a participação de uma amazonense no principal evento desta modalidade. Ketlen Vieira entrou para o UFC e até 2018 se manteve invicta durante 10 lutas no evento. Isso mostra que as mulheres amazonenses atleta vem se consagrando através do esporte.

Ketlen, primeiramente ingressou nas modalidades de Jiu-Jitsu e Judô, por conta da sua condição financeira ganhou a permissão para treinar gratuitamente nas academias, visto que seus treinadores (ou mestres, como são chamados nas lutas) entenderam que nela havia um grande potencial para que fosse destaque mundo afora e deu certo. Hoje, Ketlen faz parte do UFC defendendo o cinturão representando o Brasil. Além de Ketlen nós temos a campeã e treinadora Andrezza Façanha, também destaque no Jiu-Jitsu, além de Larissa Moura, Estefani Rodrigues e Andreia Cerdeira que se mantêm campeãs nas principais lutas realizadas no Brasil.

6.2.8 Tênis de Mesa

Também conhecido popularmente como “*ping pong*”, o tênis de mesa foi criado em meados do século XIX e chegou ao Brasil no início do século XX. Em 1977 foi reconhecido como esporte olímpico. Para as mulheres de classe social mais alta no início da modalidade, sempre foram permitidas a sua prática. Acreditava-se que o esporte era um dos poucos que preservava a sua feminilidade.

No Amazonas o tênis de mesa possui destaque no ranking nacional nas categorias masculino e feminino. Além do seu contínuo crescimento, agora conta uma nova estrutura na Vila Olímpica, adquirida em parceria com os Jogos Rio2016. As mulheres amazonenses sempre estão em grande destaque nos campeonatos brasileiros, inclusive como campeãs brasileiras. Como Amanda Marques, Alice Lavareda e Suellen Ramos. Além das competições em campeonatos brasileiros, o nosso maior destaque é a campeã sul-americana e pan-americana Lúcia Santos, que fez história ao se tornar a primeira mulher do país a disputar o torneio

individual olímpico, estando presente em três competições: Sidney (2000), Atenas (2004) e Londres (2012).

6.2.9 Vôlei sentado

O vôlei sentado é um esporte paralímpico adaptado que possui as mesmas regras do vôlei convencional. Surgido em 1956, apenas em 1980 foi incorporado nas Paraolimpíadas. NO Brasil, os resultados são expressivos e mostram que nos últimos dois ciclos olímpicos a equipe feminina conseguiu se manter no pódio em todas as principais competições e já se encontra classificada para o próximo ciclo.

No Amazonas a modalidade possui bons resultados e uma integrante da Seleção Brasileira 2013-2016, vice-campeã Pan-americana e convocada para as Olimpíadas de Tóquio.

Após a contextualização das atletas nas modalidades, passaremos para o quadro de respostas das perguntas que foram realizadas na entrevista semiestruturada. Conforme explicado anteriormente, as repostas foram separadas em quadros, onde são categorizadas e subcategorizadas e posteriormente enquadradas em unidade de registro e unidade de contexto.

Pergunta 01 “Como ocorreu seu envolvimento com a modalidade?”

QUADRO 1		
CATEGORIA	SUBCATEGORIA	UNIDADE DE REGISTRO
ENVOLVIMENTO COM A MODALIDADE	INFLUÊNCIA SOCIAL	Influência dos pais
		Influência dos amigos
	INFLUÊNCIA DA EDUCAÇÃO	Influência do ambiente escolar
		Influência de projetos sociais voltados para a escola.

QUADRO 2	
UNIDADE DE REGISTRO	UNIDADE DE CONTEXTO
INFLUÊNCIA DOS PAIS	P1 “É, na verdade a minha mãe, né?... e ter vindo também de uma família de atletas” P7 “A escolha não foi minha: aos cinco minha mãe me colocou na natação” P8 “minha mãe me matriculou na V ila...” P9 “Porque desde pequena meus pais me colocaram na natação” P10 “...foi por puro incentivo da miha mãe” P11 “meus pais me colocaram na natação desde os 02 anos”
INFLUÊNCIA DE AMIGOS	P2 “eu fui convidada por uma amiga que já praticava o voleibol...” P12 “eu estudava em escola de freira, no Santa Teresinha, então quando começou a entrar os meninos, foi quando começou a mudar as modalidades na escola, então colocaram judô, futebol...”
AMBIENTE ESCOLAR	P5 “meu primeiro professor de Educação Física me convidou a praticar Jiu-Jitsu” P14 “como eu estudava no colégio Dom Bosco, tinham duas mesas de concreto de tênis de mesa e eu comecei a brincar nessas duas mesas
PROJETOS SOCIAIS	P3 “através do projeto “arqueiros indígenas”, parceira FAS, SEDUC E SAMSUMG. P13 “minha professora inscreveu a turma dela em um projeto da Coca-Cola que objetiva descobrir novos talentos”

Na categoria “envolvimento com a modalidade” foram observados três tipos de influência para que a mulher tivesse o primeiro contato com a sua modalidade. Dez participantes relataram a influência social para o primeiro contato com o esporte, sendo os pais e os amigos os maiores responsáveis por apresentarem a modalidade às praticantes. É comum que a prática esportiva quase sempre aconteça nas primeiras fases da vida. O primeiro contato muitas vezes se dá pelo lazer ativo entre a família e amigos e posteriormente no ambiente escolar.

Com o incentivo da prática esportiva como uma forma de manter boa saúde, além da preservação de valores como disciplina e educação, os pais naturalmente costumam buscar algum método de iniciação esportiva para os seus filhos e é através desse meio que alguns talentos são descobertos. SIMÕES, BOHME E LUCATO (1999) afirmam que o papel dos pais e responsáveis é o grande incentivo a prática esportiva, visando aprimorar os laços de cooperação e maturidade da criança. FONSECA (2015) acredita que a qualidade de incentivos e de exemplos em ambiente familiar é essencial na autoestima da criança e com isso, as chances de seu melhor desempenho aumentam.

Além dos pais, devemos considerar que os amigos, primos e todo a roda social que permeia a comunicação e formação do indivíduo também influencia na formação e incentivo ao início da prática esportiva. Douge (1999) colabora quando afirma que a interação entre amigos e a possibilidade de integração seja um dos grandes motivos para adesão à prática.

A conclusão de que a família seja o maior motivador das mulheres para o início da prática esportiva prova que a mudança de pensamento sobre questões sociais aconteceu de forma efetiva, rompendo antigos paradigmas. Se antes, a mulher era proibida de usufruir de qualquer benefício ou investimento profissional por de medo de que a sua ‘natureza maternal’ e feminina fosse prejudicada, hoje, entende-se que a prática esportiva além de não prejudicar a nenhuma função reprodutiva da mulher, contribui para o seu crescimento físico e formação intelectual.

A exemplo, uma das participantes demonstra o pensamento dos pais em relação ao envolvimento com o esporte:

P10: *“Eu entrei no esporte foi por puro incentivo da minha mãe. Ela ouvia dizer, ela lia algo do tipo: que as lutas ajudavam a formar pessoas “de bem”, essas coisas, e ela me incentivou muito a começar pelas lutas, e entre as disponíveis, eu escolhi o Judô.”*

Além da formação do caráter e personalidade do indivíduo Carmo (2010) acredita que o motivo dos familiares colocarem as crianças em envolvimento com qualquer modalidade

ajuda a criança manter a boa forma e na boa ocupação do tempo livre, auto superação, além do fortalecimento do sistema imunológico.

Outro local com grande vivência e interação de pessoas e troca de experiências, certamente é o ambiente educacional, que é um lugar de descobertas que possibilita experiências em que o aluno possa vislumbrar um futuro profissional. E quando há profissionais comprometidos com o bem-estar e desenvolvimento dos alunos aliados à uma estrutura que proporcione o desenvolvimento do ambiente de trabalho, as chances de bons resultados são evidentes. Um estudo realizado por Figueira. Et al (2015) aponta que a infraestrutura escolar é muito importante na intervenção da prática da educação física, bem como o desenvolvimento do esporte. Uma das participantes relata a sua experiência com a estrutura do ambiente educacional:

P14: “[...] *no colégio Dom Bosco, tinham duas mesas de concreto de tênis de mesa e eu comecei a brincar nessas duas mesas.*”

O relato revela que o ambiente educacional tem grande influência para o desenvolvimento de habilidades das crianças. A exploração das possibilidades deste é fundamental, principalmente quando o brincar é estimulado. A escola de esportes também foi lembrada no primeiro momento esportivo, como relata P15:

P15 “*eu estudava em escola de freira, no Santa Teresinha, então quando começou a entrar os meninos, foi quando começou a mudar as modalidades na escola, então colocaram judô*”

A socialização do movimento dentro de um ambiente educacional demonstra que a esporte educação possui a função não somente de educar, mas de proporcionar lazer ativo, conhecimento da cultura corporal e integrante cultural que em conjunto com a família, visa oferecer o melhor desenvolvimento para o aluno. Santos (2007) concorda quando afirma que um dos lugares que permitem o primeiro contato com o esporte é a escola.

Outra questão importante que devemos observar quando relatamos o ambiente escolar como um forte fator motivacional para a atleta é a sua própria trajetória como aluna praticante de modalidades em um ambiente escolar.

As práticas corporais nas escolas do início do século XX eram concebidas dentro de um modelo higienista e eugênico como coloca Altman (2014) quando salienta as diferenças no modo de se fazer educação física naquela época, onde a educação das meninas era voltada para a projeção de um corpo saudável, capaz de reproduzir, enquanto para os meninos, eram designados exercícios para a manutenção de sua virilidade. Na mesma linha, Goellner (2018) ainda salienta que a educação masculina sempre foi favorecida para ambientes de competição.

Em contrapartida, acreditava-se que as mulheres não se encaixavam em um ambiente competitivo pois a prática levava à condução de características agressivas e masculinizadas.

Além do estímulo natural que este ambiente deve desenvolver, os projetos sociais se mostraram de grande importância para o fomento de atletas de base e possíveis campeãs. Há relatados dois casos em que projetos sociais foram a principal fonte de envolvimento com o esporte. Neto et al (2015) afirma que “[...] políticas de inclusão através do esporte incorporem oportunidades para a descoberta e estímulo ao celeiro de novos talentos [...]. Esse pensamento se torna mais valoroso quando lembramos sobre a mulher atleta e o quanto negligenciado foi o seu acontecimento no esporte.

Uma das nossas entrevistadas, Orlane dos Santos, uma das maiores atletas do nosso Estado, se destacando no atletismo como recordista no salto em altura, foi descoberta por conta de um projeto social em parceria com a empresa Coca-Cola. À época da sua descoberta, do desenvolvimento do projeto, já estava implantado desde a década de 70, o modelo de educação escolar que estimulava os atletas à busca pelo corpo atlético e ao seu desenvolvimento na carreira esportiva. Guedes (1999) acredita que o incentivo à prática esportiva fazia parte da responsabilidade do ambiente escolar, visto que o pensamento político do momento defendia um modelo de desenvolvimento no qual o Brasil, para estar entre os países de “primeiro mundo” precisava ser campeão no esporte. Já no século XXI, a educação física voltou-se para a saúde e novas configurações foram desenvolvidas, incentivando o educando à um modelo de vida mais fisicamente ativo.

Um dos relatos mais marcantes sobre o primeiro contato com a modalidade foi o da atleta indígena de Tiro com Arco, que foi descoberta por conta de um projeto em parceria com a sua escola, um projeto de fomentação de políticas sustentáveis – FAS e a empresa privada SAMSUNG, hoje ela é a primeira mulher indígena a representar o Tiro com Arco em um Pan-americano, além de ser a primeira mulher atleta indígena brasileira a participar de uma edição dos jogos. Da etnia *Karapanã*, Graziela, ou Yaci, como é chamada em seu local de origem, trouxe consigo uma habilidade adquirida de muitas gerações, e com a chegada do ‘Projeto Arquearia Indígena’ teve a oportunidade de se despontar como mulher indígena amazonense e hoje é a primeira do ranking no país em sua modalidade. Agora tenta uma vaga olímpica.

Este relato de descobertas nos remete a fala de Torres (2005) quando afirma que as relações de gênero estão diretamente ligadas às relações de poder político, sendo este um elemento estruturante na vida de homens e mulher. Torres (2005) ligou esse pensamento à

imagem da mulher indígena na sociedade colonial, quando estas eram reconhecidas como permissivas sexuais, além de representarem o papel de parideiras e fogosas.

Após séculos de subjulgamento hoje podemos vislumbrar outro panorama para as opções de perspectiva para a vida da mulher, através do exemplo de Yaci como sendo o maior nome de seu esporte no Brasil. As configurações sociais modificadas por conta da mudança do pensamento machista aliada a luta de movimentos feministas aos poucos vão transformando as relações de gênero e abrindo caminhos para outros olhares.

Pergunta 02: “Qual foi a sua motivação para o investimento na sua carreira esportiva como atleta? “

QUADRO 3		
CATEGORIA	SUBCATEGORIA	UNIDADE DE REGISTRO
INVESTIMENTO NA CARREIRA ESPORTIVA	INFLUÊNCIA FINANCEIRA	Patrocínio
		Bolsas de Estudo
	INFLUÊNCIA DA SAÚDE	Melhorar qualidade de vida
	INFLUÊNCIA DA REALIZAÇÃO PESSOAL	Viagens Ganhar medalhas
	INFLUÊNCIA SOCIAL	Incentivo familiar

QUADRO 4	
UNIDADE DE REGISTRO	UNIDADE DE CONTEXTO
Patrocínio	P2 “O professor Thales Verçosa conseguiu um patrocínio muito legal através do Rio Negro que acabou comprando meu passe e o da professora Lilian e começou a nos pagar pra ter esse recurso pra dar continuidade nessa modalidade” P6 “Segundo, a parte financeira, o retorno de patrocínios que eu tinha, eu tinha um dinheiro que eu ganhava...” P13 “eu já ganhei um patrocínio, que a Coca-Cola me patrocinou por um tempo, e fui convidada a fazer parte da seleção amazonense de atletismo, e nesse momento eu comecei a treinar já em janeiro, fevereiro...” P15 “consegui estudar em escolas muito boas, patrocínio, bolsa atleta e coisas que talvez se eu não tivesse investido, se eu não tivesse continuado eu não teria acabado trabalhando nessa área e profissão”
Bolsas de estudo	P9 “Porque eu ganhei uma bolsa de estudo através da modalidade, eu tinha que manter essa bolsa jogando, então eu tinha que me empenhar” P12 “...vaga na universidade por conta do meu rendimento como atleta e cono eu ganhei a vaga isso me incentivou a continuar a fazer o que eu gostava na época”
Melhorar qualidade de vida	P4 “Na academia eu fumava, então resolvi parar pra melhorar meus rendimentos e me tornar a atleta que eu sou hoje”
Viagens	P6 “Primeiro as viagens...a possibilidade que eu tinha de conhecer novos lugares, de viajar, isso me motivava” P11 “...As viagens também era algo muito legal...É algo muito legal, alias eu continuo viajando e a gente acaba encontrando pessoas que querem as mesmas coisas que a gente e rola uma identificação, isso é ótimo”

Ganhar medalhas	<p>P5 "...e depois teve o Norte/Nordeste e ganhei duas medalhas e isso daí pra mim foi fantástico, por era em Aracaju e tinha muita menina forte e isso foi me motivando e cada conquista pra mim foi me motivando cada vez mais!"</p> <p>P11 "Foram as minha medalhas que eu ganhava...Era tão novinha e era tão bom a sensação de estar no pódio, e aí eu quis continuar..."</p> <p>P14 "os resultados, né? isso me influenciou bastante pra que eu quisesse continuar..."</p>
Incentivo familiar	<p>P1 "eu via a mobilização de toda a família pra conseguir arrecadar aquele valor, pra realizar aquele desejo e conseguir custear aquele treinamento" (ida à Bulgária)</p> <p>P3 "O que me motiva muito são os meus pais, estou aqui por eles"</p> <p>P7 "A minha família PARAVA pra ver as olimpíadas e a Daiane dos Santos... foi a partir daí que eu realmente falei que eu queria ser atleta olímpica"</p> <p>P8 "...desde então meus pais começaram a investir na minha carreira e com o tempo eu fui me destacando e conseguindo patrocínio"</p> <p>P10 "veio dos meus pais, a gente sabe que é uma modalidade bem prematura e meus pais me incentivavam, então a minha motivação era me superar para me manter sempre na equipe titular... ser diferente e fazer a diferença, né?"</p>

Na categoria “investimento na carreira esportiva” as participantes relataram quatro motivos de permanência e investimento, são eles: influência financeira, influência da saúde, realização pessoal e influência social.

Em relação a influência financeira o investimento na carreira esportiva foi fundamental para a continuação dos treinos. Seis participantes relataram que o patrocínio de empresas e de bolsas concedidas pelo Estado fizeram o diferencial na hora de decidir qual rumo tomar em relação ao seu lado profissional.

Algumas participantes relataram que através do patrocínio a responsabilidade com as despesas da família eram maiores pois com aquele dinheiro era possível arcar com alguns custos necessários. Ao serem indagadas sobre essa questão algumas delas responderam que se sentiam responsáveis em ajudar, visto que estavam tendo retorno financeiro e a necessidade em contribuir com certos gastos era urgente. Logo, elas se tornavam muitas vezes a principal fonte de renda do lar, ou a sua contribuição era fundamental na participação das compras do mês como relata **P13**:

P13: “[...]naquela época como eu recebia um patrocínio, esse patrocínio já ajudava dentro da minha casa, eu já tinha 13 anos. Então com meus 13 anos eu já recebia um patrocínio e desse patrocínio eu já ajudava dentro de casa, entendeu?” [...] ... foi por minha conta mesmo, tipo: o que estava faltando? Eu ia lá e ajudava! Então precisava reformar a casa? Eu ajudava a reformar a casa, ou complementava, ou ia lá e mandava fazer e ia fazendo as coisas, ou seja, isso também foi extremamente importante por que eu consegui ter uma noção e ter o gosto de que aquilo conseguia me dar uma condição”

Outro depoimento superimportante em relação a decisão da investida no esporte foi da atleta Paralímpica Laiana Batista. Moradora de periferia, Laiana viu no esporte a possibilidade de tomar rumos diferentes em relação ao seu futuro, visto que o local onde ela morava pouco

oferecia grandes perspectivas de lançá-la no mercado esportivo como uma grande profissional ou que a descobrissem como talento:

Laiana: *“Por que para mim, como eu sempre fui da periferia, pobre, né? Era um escape! Servia como uma forma de sair daquele meio que não tinha nada, que não conseguia nada, para ir fazer uma modalidade aonde eu tinha um perfil que ainda pudessem ver em mim algo esperançoso como uma grande atleta, quem sabe, pelo Brasil e pela seleção Nacional...”*

O seu relato e de outra participante em relação ao investimento em sua carreira se deu ao fato do investimento na continuação do seu trabalho como atleta, ou seja, nos possíveis desdobramentos que posteriormente poderiam acontecer, e assim se tornarem árbitras, gestoras. A oportunidade de crescer dentro do esporte foi um fator diferencial como relata P2

P2: *“[...] ela (sua técnica) me chamou pra fazer um estudo, né, uma faculdade, que no caso seria Educação Física, e quando eu comecei a trabalhar na área de Educação Física, eu comecei a ganhar um dinheirinho bom, né?”*

Outra participante relata a relevância que os estudos tiveram em relação ao investimento externo em sua carreira:

P12: *“[...] Eu quase adulta tinha a possibilidade de concorrer a vaga na universidade por conta do meu rendimento de atleta de Jiu-Jitsu e como eu ganhei a vaga isso me incentivou ainda mais a continuar fazendo o que eu gostava na época”*

A busca independência financeira juntamente com o incentivo de patrocinadores, inclusive do Estado foi um diferencial como relata P13, P13, P14 e P15 em suas entrevistas, onde todas receberam Bolsa Atleta do Estado para que a continuação dos seus treinos pudesse acontecer. Guimarães (2009) relata sobre o crescimento do número do quadro de medalhas em Jogos Olímpicos devido ao maior incentivo de bolsas atletas em diversas modalidades, não somente no fomento à praticantes de níveis olímpicos, mas também nas categorias de base.

Outro incentivo para a decisão de investimento na carreira esportiva colocado pelas sujeitas da pesquisa foram a melhora da qualidade de vida como relata P4 ao tomar a decisão de parar de fumar para poder levar os treinos a sério. O resultado do seu investimento em qualidade de vida acarretou seu sucesso como atleta.

P4: *“[...] Hoje Praticamente vivo disso. O Jiu-Jitsu me trouxe a Educação Física e foi o que eu busquei para mim”*

PAREI AQUI

Outro relato que mostra a vontade de mudança através da qualidade de vida foi a P6 que resolveu ingressar no mundo esportivo para poder buscar seu emagrecimento corporal, porém, o tempo revelou seu gosto natural para as práticas esportivas e consequentemente o pódio, mais tarde, fez com que ela permanecesse e investisse na sua carreira esportiva.

As viagens e a possibilidade de conhecer novos lugares foram bastante abordadas pelas participantes. Conhecer novas culturas, estar em contato com pessoas de convívio diferente e trocar experiências mostrou ser um grande diferencial, que vai além do retorno financeiro. O crescimento pessoal se mostrou ser prioridade.

O pódio também se mostrou de grande importância. A oportunidade de representar o seu clube, seu estado ou o seu país através do seu resultado evidenciou ser um forte motivador para que as atletas buscassem a permanência no esporte. Desta maneira, a demonstração do seu papel social e profissional também tem importância na vida da mulher atleta.

Segundo Mattos et al (2019) o pódio possui a representatividade e identificação similar á um ato heroico e consequentemente a figura do atleta é vista como um herói, e quando associada à sua trajetória profissional, torna-se uma figura de inspiração para o público ou para outros praticantes da mesma modalidade. Bourdieu (2008) afirma que a trajetória no campo profissional se dá pelo reconhecimento do atleta através do status, patrocínio e participações em competições de grande relevância.

O pódio de uma mulher amazonense como um ato heroico já nos rendeu benefícios por conta de sua representatividade e figura de superação e heroísmo, justamente por ilustrar a sua trajetória profissional bem-sucedida. Bianca Maia, ex-atleta as Seleção Brasileira de Ginástica Rítmica de Conjuntos foi campeã PanAmericana, além de ter galgado o pódio em outras competições como Copas do Mundo, Mundiais e também como ginasta individual, por conta de seus resultados e seu reconhecimento pelo governo do Estado conseguiu junto com as dirigentes da ginástica amazonense (todas mulheres) que fosse investido a construção de um ginásio para a prática da ginástica em geral. Hoje, com o ginásio pronto, o salto do volume de atletas e praticante das modalidades de ginástica foi enorme, ultrapassando os 100%.

Se antes, a Vila Olímpica possuía 60 alunas somente na modalidade de Ginástica Rítmica, hoje são mais de 400 alunos divididas nas modalidades de Ginástica Artística e Ginástica Rítmica, além do aumento da quantidade de clubes. Antes, eram quatro, agora são nove. Claro que o passado brilhante da história da Ginástica também teve a sua devida

importância, porém o investimento de um ginásio impulsionado por um resultado de uma atleta feminina fez total diferença na história desta modalidade no Estado.

Ao entrarmos no ginásio, logo nos deparamos com três grandes fotos da ginasta estendidas nas paredes e as crianças atletas, ao olharem para ela, sabem da sua história e se espelham em Bianca Maia para seguir os treinos e ser a atleta de sucesso como ela foi.

A forte presença familiar também foi um fator muito relatado entre as sujeitas. Há cinco depoimentos que mostraram a família como carga motivacional para a investida no esporte. Fica claro que para algumas delas, a investida na carreira esportiva aconteceu por esta reconhecer o esforço e o investimento que a família fez para que ela se destacasse na modalidade, enquanto em outros momentos família representou um forte vínculo emocional. Este vínculo motivou a atleta a querer proporcionar uma certa reciprocidade como forma de agradecimento pelos cuidados e dedicação que a família teve, independentemente do investimento financeiro.

Pergunta 03: Qual a sua motivação para continuar envolvida (ou ter se envolvido muito tempo) com o esporte como árbitra, técnica, profissional, conselheira...?

QUADRO 5		
CATEGORIA	SUBCATEGORIA	UNIDADE DE REGISTRO
CONTINUAR O ENVOLVIMENTO COM O ESPORTE	RELAÇÃO DIRETA COM A MODALIDADE	Pódio/Vontade de vencer
		Continuação da Carreira
		Legado Esportivo
	RELAÇÃO INDIRETA COM A MODALIDADE	Gosto pessoal pelo esporte
		Viagens
		Saúde/Qualidade de vida
		Inspiração pelo técnico/ professor

QUADRO 6	
UNIDADE DE REGISTRO	UNIDADE DE CONTEXTO
Pódio/Vontade de vencer	<p>P2 “Então, não tem motivação maior do que você galgar o pódio, né?...não tem motivação maior do que você ver o pódio e permanecer em plenas condições de competição”</p> <p>P3 “É ver que a minha dedicação está dando resultado”</p> <p>P5 “é saber que eu tenho um talento e que eu gosto de treinar e isso me ajuda a continuar ali”</p> <p>P7 “eu ainda tenho muitos objetivos a serem alcançados no esporte”</p>
Legado Esportivo	<p>P1 “Eu Já tinha o maior exemplo dentro de casa que era a minha mãe como treinadora e o meu pai também formado na área como fisiologista, então o estímulo realmente foi muito grande e eu achava... realmente seria uma pena jogar tudo fora”</p> <p>P4 “Eu levantei totalmente a bandeira da minha modalidade... (ser técnica) e poder ver eles ganhando os campeonatos...isso é muito motivador”</p> <p>P5 “E eu gosto também de estimular outras pessoas a praticar esse esporte”</p> <p>P6 “É deixar meu legado, fazer com que o esporte seja a mensagem que eu deixarei para o mundo”</p> <p>P9 “eu tenho muita vontade de ensinar, de incentivar”</p> <p>P13 “foi me fazendo ser um ser humano melhor e então eu quero que as pessoas conheçam esse lado do esporte”</p> <p>P15 “já fiz atletas campeões do estado e isso é bem motivador”</p> <p>P14 “eu ainda competia aquilo me motivava muito a querer ser técnica da minha modalidade”</p>
Gosto pessoal pelo esporte	<p>P10 “quero ser árbitra eero ser técnica e estar no meio da minha modalidade pois é algo que eu amo e eu gosto e eu realmente quero estar pra sempre perto desse esporte”</p> <p>P12 “eu percebi que eu amei muito tudo o que eu fiz”</p>
Viagens	<p>P3 “Através do esporte eu posso conhecer outros lugares e outros países e representar o Brasil, isso me deixa muito feliz”</p>
Saúde/Qualidade de vida	<p>P11 “Eu vejo a saúde, sabe? O retorno que ela dá para o seu corpo...não como atleta porque como atleta a gente realmente...na verdade é uma capa, né? A gente está ali, bonitinha mas a verdade é que a gente sofre muito, desgasta bastante, não é tão saudável como todo mundo pensa, mas quando você leva isso como estilo de vida, o esporte te proporciona saúde.</p>
Inspiração técnico/ professor pelo	<p>P8 “... E foi por isso que eu entrei na faculdade de Educação Física: pra poder continuar perto da modalidade que eu jogo e poder ser como ele! Pq eu acho incrível o que ele faz.”</p>

A categoria “continuar envolvido com o esporte” foi dividida em duas subcategorias: relações diretas relacionadas ao esporte e relações indiretas. Dentre os de fatores de relação direta com a modalidade, o pódio, que mais uma vez se mostra presente como forte influência para a mulher atleta e a vontade de vencer foram um dos motivos para que elas permanecessem no ambiente esportivo da sua modalidade.

O esporte como fenômeno social, coloca o atleta como principal protagonista da história, e conseqüentemente da sua realização. Estar no pódio é garantir que a superação de limites que foi vencida através do próprio corpo em detrimento da representação do seu Estado, clube ou país, visto que a competição espelha as diferenças entre povos e culturas. Esse orgulho é mostrado no relato de uma das participantes;

P2 “Então, não tem motivação maior do que você galgar o pódio, né?...não tem motivação maior do que você ver o pódio e permanecer em plenas condições de competição”

No pódio e na vontade de vencer, as atletas podem garantir seu retorno financeiro, proporcionar orgulho para os pais e demonstrar seu papel na sociedade como atleta e representante do seu time. Para Rubio (2006) “a melhor performance passou a se associar a conquista da primeira colocação (RUBIO, 2006. P86). Neste mesmo artigo, Rubio (2006) retrata a supervalorização do pódio em destaque para os primeiros lugares, e afirmando que as

medalhas de prata e bronze ficam desvalorizadas, além do fim do espírito competitivo, que visa a superação dos próprios limites.

Neste ponto discordamos, visto que a caminhada para o lugar mais alto da competição requer planejamento junto ao atleta e hoje, mais de uma década sobre esse pensamento, vimos que a presença do atleta, principalmente da mulher atleta, possui uma certa urgência e importância para o esporte. Hoje quando falamos de permanência no esporte a valorização de resultados, sejam eles de superação individual, medalhas ou de recordes, devemos ressaltar que no Brasil, mais especificamente, ainda não alcançamos metas no para um absoluto sucesso esportivo. E quando olhamos em um sentido macro a participação da mulher em competições oficiais, a sua presença já é de grande motivo para comemoração visto a sua negligência para se chegar até aqui.

O fator que mais se mostrou influente entre as atletas foi o legado esportivo. A vivência que o esporte trouxe para essas mulheres foi uma experiência tão transformadora que a vontade de continuar dentro deste ramo foi apenas a continuação das realizações que estavam por vir, além da contribuição e querer dar a sua visão pessoal e deixar a sua marca. O comprometimento com a modalidade escolhida fez com que elas pensassem sobre como é importante repassar os valores aprendidos e como aquilo modifica a vida das pessoas assim como certamente modificou a vida delas.

Elas mostraram se sentirem responsáveis de repassar toda a transformação e mudança de perspectiva que o esporte lhe trouxe. O legado, nesse sentido mais parece de transformação social, de ressignificação de valores e de comprometimento com a sociedade para encorajar outras pessoas a quererem vencer, ou quererem lidar com as dificuldades pessoais.

Já em motivos que tratam de relação indireta com a modalidade, as atletas relataram que continuaram envolvidas pois têm um gosto pessoal pelo esporte e pelo ambiente esportivo daquela modalidade, ou seja, não somente a competição, mas o entorno dos acontecimentos, e isso envolve os amigos, o ambiente de treinamento, as viagens os ganhos, a visibilidade, enfim, tudo que aquele momento proporciona, então, continuar perto de algo em que elas se sentem felizes e realizadas é fundamental.

Outro fator que foi relatado por uma das atletas foram as viagens e a chance de conhecer outros lugares e culturas. O esporte tem um papel de integração de culturas e encontros que marcam profundamente a vida de pessoal dos atletas bem como todas as pessoas que estão envolvidas com o esporte em geral. Viajar é considerado um dos maiores investimentos feitos pelo ser humano visto que ele amplia a visão de mundo das pessoas e incentiva a curiosidade, além de

proporcionar aventuras marcantes para o seu desenvolvimento pessoal.

A saúde e qualidade de vida foram abordados também por uma das participantes. Segundo ela, a prática esportiva em si não é bem vista como um modelo de vida saudável, diante de tantas lesões e tantas abdições, mas adotá-lo ou incorporá-lo como um estilo de vida é transformador por conta de toda a disciplina e relação que ele necessita para que você se mantenha ativo.

Houve também o relato de uma das sujeitas que se inspirou no seu técnico para poder prosseguir. A sua maior inspiração era um dia poder ser como seu treinador e poder realizar os mesmos feitos ou seguir a mesma carreira que ele galgou. Essa inspiração é bastante motivadora quando vemos profissionais que estão sempre comprometidos com o que fazem e certamente o seu profissionalismo inspiram diversas pessoas, não somente do seu convívio, mas também admiradores do seu conhecimento. A profissão de professor/técnico certamente é uma das mais deslumbrantes visto que o ato de ensinar demonstra o tamanho do significado de poder e empoderamento através do conhecimento, além de ser um potencial facilitador dos processos naturais da vida.

7 CONCLUSÃO

Quando pensamos em esporte e mulher, é notável a mudança e o rompimento com o antigo pensamento sobre as perspectivas que a mulher tinha em relação à sua carreira. A perspectiva familiar para as mulheres agora visa o seu melhor desenvolvimento e sucesso fora do campo da maternidade e dos cuidados do lar.

Nossos resultados nos permitem dizer que além de mostrar que o incentivo familiar é de extrema importância na participação do indivíduo, também mostra o quanto essas configurações vêm se modificando ao longo dos anos.

Hoje as mulheres são em sua maioria chefes de família, e muitas vezes longe da presença masculina, possuem dupla jornada de trabalho divididas entre carreira profissional e vida familiar.

Outro aspecto muito relacionado à família e que ainda permeia entre o discurso da mulher é a maternidade, principalmente quando se trata da mulher atleta. São dois processos corporais muito distintos de transformação fisiológica e biológica. Ao longo desse estudo e da busca por fontes que destacassem a mulher, notamos a mudança de paradigmas em relação à

maternidade. Se antes, a mulher atleta não tinha nenhuma perspectiva de continuar atuando como atleta, hoje nós temos mulheres atletas que conseguiram ir além pós maternidade.

Desta maneira a família, primeiro *locus* de acolhimento emocional de qualquer ser humano, é também o primeiro local de perspectivas, frustrações, e projeções para o início de uma vida adulta, e é notável perceber que o incentivo familiar pode transformar para sempre as possibilidades da mulher. A progressão do pensamento foi tão impactante que nas últimas décadas a própria família entende que a iniciação esportiva é um componente muito importante para o crescimento profissional e pessoal da mulher.

Portanto o rompimento com o pensamento conservador foi fundamental para que a presença da mulher estivesse mais latente no campo esportivo.

E é por isso que o envolvimento da mulher com a modalidade passou por situações de rejeição até chegar à permissividade.

Notamos também que a mãe foi a maior figura de incentivo de suas filhas. Elas são as que mais acreditam e ajudam no investimento das atletas, hoje, consagradas no meio esportivo. A figura materna representa também o pensamento de emancipação na investida de outras perspectivas da mulher, visto que em tão pouco tempo, as mães puderam presenciar tantas modificações em sua trajetória de vida e perceberam que, é possível que as suas filhas também tenham uma sensível melhora na sua qualidade de vida, e assim alcançar lugares que antes não poderiam ser ocupados pelo meio masculinizado. Como sempre, a representatividade se faz presente como a forma mais inteligente de empoderar mulheres.

O ambiente educacional e toda as suas configurações e figuras representativas foram os fatores que mais trouxeram a presença, investida e permanência da mulher no esporte, principalmente por conta da figura do professor. O professor, formador de opinião, figura representativa, responsável por parte da formação intelectual, é também inspiração para os alunos que de certa maneira se encantam com a sua atividade docente.

Muitas vezes os laços afetivos de professor-aluno se tornam estreitos, visto que o comprometimento em participar de uma formação requer mais cuidado e demanda, então o professor abdica de tempo para melhor conseguir fornecer todas as demandas que o aluno precisa. Presenciamos então o professor cedendo espaços em sua casa, dividindo convívio familiar, momentos de lazer e momentos de lutas constantes.

Quando falamos então da figura do técnico ou técnica esportiva, esse laço se torna ainda mais estreito visto que a mulher atleta muitas vezes abre mão do convívio familiar para se dedicar aos treinos, aclimatações e toda a preparação que envolve um ambiente esportivo,

ficando portanto mais perto do seu técnico, que, dependendo das condições, ainda precisa aprender a se tornar psicólogo e amigo.

Todas essas experiências, relatadas por mulheres que se mostraram muito gratas ao seu professor, que na maioria da pesquisa esteve representada por uma figura masculina, evidenciaram que depois da família, o professor é a figura mais marcante para a mulher atleta, e mais que isso, estes foram fundamentais para a continuação da trajetória, ora servindo como figura de apoio emocional, de inspiração e motivação, ora sendo como figura de representação de sucesso profissional e pessoal.

Se pelo aspecto emocional as atletas estiveram bem amparadas pelo lado emocional, o aspecto financeiro também fez total diferença nos destaques esportivos femininos amazonenses. Então, a grande possibilidade que a mulher teve de conseguir a sua independência financeira e profissional através do esporte foi um dos maiores diferenciais para que a sua presença fosse garantida durante o seu processo evolutivo do ambiente de competição, logo, quando elas sabiam que haveria patrocínio, ou a possibilidade de ganhar uma bolsa para o investimento de sua carreira e até mesmo a possibilidade de ingressar em escolas de elite manauara ou o ingresso no ensino superior, as suas chances de permanência em suas modalidades foram se tornando possíveis, então, percebe-se que as chances de investimento na carreira esportiva entre as mulheres atletas são maiores quando ela enxergam que o retorno será a possibilidade de galgar uma carreira de sucesso naquela modalidade ou dentro do ambiente esportivo.

Assim, quando se esgotam as possibilidades para continuar os treinamentos e se manterem como atletas, elas se realizam dentro da mesma profissão tornando-se professoras, dirigentes, conselheiras, representantes, arbitras, gestoras ou o que houver dentro de novos desafios.

Além da possibilidade de sucesso profissional na carreira, a ampliação da esfera sociocultural onde a mulher atleta vive permite que outros caminhos sejam descobertos, através das viagens e o acúmulo de experiências culturais e interações sociais com pessoas e situações diferente, viajar é sinônimo de independência e autoconhecimento, ainda mais quando lembramos que há pouco menos de cem anos o tratamento da mulher perante o código civil era outro: para as mulheres casadas a permissão de trabalho e viagens apenas eram liberadas mediante autorização do marido que poderia revogar a sua decisão a qualquer hora.

Hoje, a mulher pode viajar a trabalho, sendo representante do seu país, clube ou estado, e ainda ser destaque por conta dos seus resultados ou simplesmente por conta da sua participação.

O pódio também trouxe outras perspectivas na carreira da mulher atleta. O significado de vencer em uma competição é considerado como um ato heroico, e a mulher, então, protagonista de uma batalha constante idealizada por ela mesma, objetivando chegar até o pódio. O compromisso é tanto que, além de visar o próprio pódio, seu legado de continuação da sua trajetória se faz presente: alcançar o pódio muitas vezes não precisa ter o seu sentido literal, ou seja, a sua realização pode ser feita por conta da sua projeção em trabalhos primários antes da competição, como o trabalho de gestora e conselheiro ou até mesmo técnica.

As mulheres atletas também se realizam através do pódio quando seus pupilos sobem nele por conta do trabalho em conjunto realizado pelos dois. O pódio, então representa o objetivo final de uma trajetória de trabalho que destaca a mulher para além das perspectivas que foram projetadas nela de uma forma reduzida, mais que isso, o pódio representa o resultado de luta e conquista de todas as mulheres que buscaram liberdade e emancipação de antigos paradigmas e buscaram através de novas epistemologias, movimentos sociais e trabalho diário, outros olhares para o seu corpo, suas ideias e suas vontades. Chegar ao pódio representa a possibilidade de galgar desafios maiores em prol de uma sociedade que anseia por equidade.

A saúde também se mostrou como um fator de influência no esporte, mas não como algo que fosse a maior representação da prevenção de doenças ou de cura, mas como forma de levar um estilo de vida ativo, de movimentação corporal e desejavelmente, uma forma de melhorar a saúde mental. Por mais que os sacrifícios típicos do esporte pudessem causar transtornos, ao mesmo faziam com que outros problemas fossem sanados, por exemplo a pobreza, falta de noção sobre visão do futuro profissional...até mesmo desviar de outros problemas como drogas, falta de planejamento familiar, depressão, enfim, o esporte servindo como uma outra opção levasse a caminhos de uma vida menos saudável, influenciando até mesmo na alimentação.

Portanto, a mulher amazonense no esporte como figura de destaque segue a mesma linha de projeção das mulheres brasileiras, enfrentando os mesmos problemas, e sendo influenciada pelas mesmas possibilidades. O Amazonas é uma cidade que possui muitos recursos, porém se mantém bastante isolada, e isso não foi impedimento para que pessoas daqui buscassem o seu reconhecimento e diferenciação mundo afora. Ainda assim, para buscar maiores chances, a maioria dessas atletas precisaram sair do Estado e migrar para as regiões onde há um maior desenvolvimento das modalidades, possibilidade de competições mais importantes e além de tudo, um maior retorno financeiro. Esse fato nos mostra aqui existem potenciais talentos e variadas modalidades, mas ainda faltam mais estruturas, mais caminhos para que a mulher, ou

menina se sinta mais atraída a buscar o esporte e posteriormente um possível reconhecimento e destaque. Se há, por exemplo, mais escolas com estruturas e parcerias que incentivem a criança a brincar e se encantar pela modalidade, com certeza há chances de que ela busque se aprimorar e queira ir além da brincadeira, galgando assim a sua profissionalização.

Notamos também que a figura dos professores são importantes, porém a limitação do conhecimento técnico faz com que eles entreguem seus atletas nas mãos de pessoas mais capacitadas, tudo isso para não perder a chance de ter um potencial talento perdido entre tantas outros que não levaram sua carreira à frente por falta de recursos.

A mulher prova cada dia mais que é capaz de ocupar e representar tudo o que ela venha a se propor a fazer, contrariando até mesmo as leis vigentes, como por exemplo, a nossa nova constituição, que ainda proíbe a presença da mulher em certos lugares de trabalho, como as que impedem a mulher de realizar trabalho de força muscular acima de 20kg. O Brasil, apenas por conta deste fato, faz com que estejamos em uma das últimas economias do mundo em que a mulher não desempenha algumas atividades apenas por serem mulheres.

Este trabalho se torna urgente em mostrar como estão os resultados dos últimos anos em relação a caminhada da mulher por ela mesma. Qual é o resultado de todos os fatores acumulados? Quando falamos em “todos os fatores” não estamos falando somente das lutas, mas também dos impedimentos, das derrotas, das regressões, dos passos dados.

Em 2019, foi o ano em que a mulher esteve em destaque, principalmente no esporte por conta da Copa do Mundo. Foi falado sobre o batom, sobre o seu corpo, sobre o seu desempenho, sobre a trajetória de vida de cada uma, e, claro, de seu engajamento político. A falta de patrocínio. Durante a copa do mundo feminina houve protestos simbólicos marcantes, houve o questionamento dos salários consideravelmente inferiores aos dos homens. As mulheres estavam em destaque em um ambiente considerado masculino e isso gerou uma grande inquietação entre os dois gêneros. O esporte, então cumpriu seu papel social e se mostrou uma grande tela do que representa a sociedade. Quando as atletas brasileiras perderam, o que se viu na internet e nos comentários nas ruas, tristes comentários sobre o desempenho. Isso mostrou que, para ser mulher e ser apoiada e reconhecida, precisa ser impecável. O tempo inteiro precisamos mostrar o quanto somos boas no que fazemos, caso o contrário, não merecemos apoio, visibilidade e reconhecimento.

Há também uma notável estratégia que visa driblar essa necessidade de reconhecimento profissional e pessoal da mulher: hoje vemos as mulheres cada vez mais unidas mostrando que não estamos em uma competição para ver quem se mostra a melhor no desempenho da tarefa,

mas que estamos juntas. A mulher pela mulher. As redes de apoio estão cada vez mais firmes e elas se mostram reunidas no propósito de entender que não temos a menor necessidade de precisar de uma sociedade patriarcal e machista se nós somos a maioria da população e fazemos parte fundamental de um todo.

A mulher no esporte, esse ano, conseguiu provar isso quando em uma partida de futebol em um campeonato do Oeste Asiático cercaram a sua rival e a protegeram quando perceberam que seu *Hijab* havia saído do lugar, ou quando a jogadora brasileira Marta, ao perder a partida da copa, convocou a próxima geração de mulheres a se empenharem a desenvolver da melhor forma o esporte mundial.

Para concluirmos, ansiamos que a mulher, de todas as maneiras cada vez mais busquem seu empoderamento através do conhecimento e se destaquem na sua trajetória de vida como planejar, seja como atleta, mãe ou o que mais houver. Para as mulheres atletas amazonenses, esperamos que a prática das modalidades oferecidas no Estado proporcione maneiras que motivem e façam permanecer mulheres que tenham potencial para ser destaque no esporte daqui e do mundo.

As mulheres atletas amazonenses alcançaram destaque através do reconhecimento dos seus resultados no esporte e hoje se encontram ocupando locais que foram resultados do seu investimento na carreira esportiva e sua projeção na mídia.

Orlane dos Santos, consagrada como recordista brasileira e sul-americana no salto em altura em 1989 na cidade de Bogotá, hoje, é arquiteta e urbanista e atua no grande ABC paulista, porém, ao fazermos uma simples busca na internet em artigos científicos, jornalísticos ou em sites de informações sobre atletismo, encontraremos o seu nome e a sua carreira esportiva em grande destaque. Seu nome também consta em livros que tratam sobre a mulher e o atletismo. Apesar da sua carreira ter sido projetada do âmbito esportivo, é importante considerar que Orlane é um importante arquiteta e possui grande destaque em sua área de atuação, sendo celebrada por blogs e revistas do Brasil todo por conta de seu trabalho.

Bianca Maia Mendonça, possui grande destaque por onde passa por conta de seus resultados enquanto atleta. Agora formada em educação física e como técnica de ginástica rítmica, fundou seu clube na mesma modalidade e treina novas ginastas para competições regionais e nacionais. Bianca também realiza clínicas dando assistência esportiva em alguns Estados brasileiros e no Amazonas possui uma Copa que leva o seu nome.

Laiana Batista se formou em Educação Física e chegou a atuar na rede pública de ensino como professora, porém em pouco tempo foi convocada pela Seleção Brasileira de vôlei

sentado feminino e encontra-se atuando como atleta pela SESI-PINHEIROS. Recentemente foi medalha de prata no Parapan-americanos e é referência do esporte Paralímpico amazonense. A equipe brasileira de vôlei sentado está classificada para as Paraolimpíadas de Tóquio 2020, portanto, Laiana é uma atleta que continua atuando em grandes competições de sua modalidade e obtendo êxito na maioria delas.

Graziela Santos se destaca por ser a primeira mulher indígena da história do Brasil a disputar um Pan-Americano no tiro com arco. No ano de 2019 foi considerada um dos maiores nomes na modalidade. Ainda integrante da seleção brasileira de tiro com arco, é a grande promessa para os Jogos Olímpicos de Tóquio 2020.

Thayná de Ceselles, se destaca na modalidade de Judô por ter sido vice-campeã na modalidade, e agora é arbitra nacional, e atua nas competições nacionais e regionais. Além disso, Thayná segue a sua carreira esportiva atuando como técnica da modalidade e formando novos atletas de destaque.

Silvinha Silva se destaca na modalidade de ciclismo por ser a única amazonense a participar do pelotão de elite das competições oficiais da Confederação Brasileira de Ciclismo – CBC. Ainda atua como atleta, porém vêm ganhando destaque na formação de novos ciclistas para a modalidade na região sudeste.

Andrezza Façanha se destaca nas lutas entre as modalidades de Jiu-Jitsu e MMA. Vice-campeã brasileira de Wrestling (luta livre), campeã amazonense, e de inúmeros torneios pelo Brasil, a lutadora ainda divide seu tempo com a profissão de Personal Trainer, além de ser especialista em ortopedia e traumatologia desportiva. Atualmente na Flórida, onde se prepara para estreiar no MMA, Andrezza tem como uma de suas recentes conquistas, o ouro que faturou no Orlando Spring.

Rebeca Rodrigues, campeã brasileira de Jiu-Jitsu, hoje se destaca por ser uma das maiores representantes do Jiu-Jitsu feminino no Amazonas, sendo recentemente campeã sul-americana e bicampeã brasileira. Rebeca é estudante de educação física e se prepara seguir a sua carreira como técnica da modalidade, apesar de já ministrar aulas de Jiu-Jitsu.

Assim encerramos nossas conclusões ressaltando mais alguns nomes considerados destaques no esporte amazonense: Orlane dos Santos, como recordista brasileira e sul-americana; Laiana Batista, como campeã PanAmericana; Maria Nilba Reis, recordista sul-americana de arremesso de peso; Lohanna Souza, Samilly Alencar e Rebeca Rodrigues, campeãs brasileiras e sul-americanas de Jiu Jitsu; Daynara de Paula, medalhista olímpica e sul-americana na natação; Elysa Maia e Luisa Marilac, campeãs e recordistas norte e nordeste de

natação; Carolina Dourado, Angelina Angelin e Thayná de Ceselles, campeãs brasileiras de Judô; Silvinha Silva aparece no pelotão de elite do ciclismo; Ketlen Vieira, pioneira da modalidade de MMA e Andrezza Façanha, dessa modalidade; No tênis de mesa o Amazonas tem um grande destaque: Lígia Silva, campeã sul-americana e participante de nada menos que três olimpíadas: Sidney, Atenas e Londres; e destacam-se também as campeãs brasileiras desta modalidade Amanda Marques, Alice Lavareda e Suellen Ramos. Outro destaque é Andrezza Martins das Chagas de Paula, no vôlei de praia, inicialmente representando o Brasil e posteriormente como representante da Georgia, país pelo qual optou por naturalizar-se e seguir carreira. Outro grande destaque amazonense é a ginasta Bianca Maia Mendonça, campeã pan-americana de ginástica rítmica nos Jogos Pan Americanos na cidade de Guadalajara no México em 2011.

8 ANEXOS

8.1 Termo de consentimento livre e esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E FISIOTERAPIA
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos a senhora para participar do Projeto de Pesquisa “MULHERES EM AÇÃO: ALGUNS DESTAQUES DA PRESENÇA FEMININA NO ESPORTE AMAZONENSE”, que será realizada por meio da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) – Faculdade de Educação Física e Fisioterapia, endereço: Av. General Rodrigo Otávio, 3000, Coroado, sob responsabilidade da pesquisadora Bonine John Giglio Brito, e orientação da Prof.^a Dr^a Artemis de Araújo Soares e Prof.^a Msc Érika da Silva Ramos como membro de equipe. O presente estudo tem como objetivo investigar a presença feminina em diversas modalidades esportivas praticadas na cidade de Manaus, ressaltando a sua importância não somente no contexto esportivo, mas sobretudo no contexto sociocultural da Amazônia. Objetivos específicos: avaliar a crescente participação feminina nas últimas três décadas em modalidades esportivas no Amazonas, identificar os motivos que levam a mulher à prática de disciplinas esportivas e ao investimento de sua carreira no esporte; demonstrar o papel da mulher na sociedade a partir do esporte. O instrumento utilizado para a realização de nossa pesquisa será a entrevista semiestruturada e o questionário Socioeconômico ABEP (2018). A participante precisará responder à entrevista e preencher o questionário apenas uma vez. Os dados e informações coletadas serão tratados com total sigilo e respeito. A identidade de todos os participantes será preservada, pois cada indivíduo será identificado por um número. O que nos importa é a informação dos atletas e não quem forneceu as informações.

Riscos da pesquisa: toda pesquisa que envolve seres humanos contém riscos. Por se tratar de uma entrevista semiestruturada, que aborda o passado das atletas e com possíveis motivações para que a sua prática no esporte seja justificada, há a possibilidade da entrevistada sentir algum tipo de desconforto de cunho emocional, que poderá prontamente ser amparado pela psicóloga com acompanhamento constante até a melhora do quadro clínico. Caso aconteça, disponibilizaremos a psicóloga para que a entrevistada possa ser

assistida de maneira profissional. **Benefícios da pesquisa:** os resultados deste estudo poderão ser apresentados em palestras na instituição e em outros locais, no sentido de divulgar o trabalho e expandir o nome da instituição como incentivadora à inovação científica, sobretudo no contexto sociocultural. Com isto resultarão em publicação de artigos científicos, sem precisar referenciar nenhum dado pessoal que identifique os participantes. As participantes serão beneficiadas porque farão parte dos resultados como um todo a valorizar a presença da mulher no esporte.

Se depois de consentir em sua participação a senhora desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta de dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. A senhora não terá nenhuma despesa e não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, a senhora poderá entrar em contato com as pesquisadoras no endereço Av. Rodrigo Otávio, 6200 – Campus Universitário Senador Arthur Virgílio Filho, Setor Sul, CEP – 69077-000. Manaus – AM. Laboratório de Estudos Socioculturais – Bloco C, segundo piso, pelo telefone (92) 32349882 e (92) 995213217, ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus- AM, telefone (92) 33051181, ramal 2004. E-mail: cep.ufam@gmail.com

O presente termo foi elaborado em duas vias, cada participante receberá uma de acordo com o Item IV. 3.f, IV. 5. D, Resolução 466/12, a outra via ficará na posse dos pesquisadores.

Consentimento pós -informação

Eu, _____, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e o porquê da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Estou recebendo uma via deste documento assinada e que vou guardar, e a outra via ficará com o pesquisador

Assinatura do participante



Data: __/__/__

Data: __/__/__

Assinatura do Pesquisador Responsável

Impressão do dedo polegar

Caso não saiba assina

8.2 Perguntas da entrevista semiestruturada

Entrevista Semi Estruturada

1. Como ocorreu o seu envolvimento com a modalidade?
2. Qual a sua motivação para o investimento na sua carreira desportiva como atleta?
3. Qual a sua motivação para continuar envolvida com o esporte como profissional, conselheira, técnica, árbitra...?

9 REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. Editora Companhia das Letras, 2014.
- ALTMANN, Helena; FERNANDES, Simone Cecília. Mulher e esporte: palavras iniciais sobre os desafios ao ensino na escola. **Poiésis-Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação**, v. 8, n. 13, p. 126-140, 2014. •
- Bardin, L. (2011). **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70.
- BOURDIEU, P. **A produção da crença, contribuição para uma economia dos bens simbólicos**. 2. ed. São Paulo: Zouk, 2004
- BOURDIEU, P. Razões práticas. Sobre a teoria da ação. São Paulo: **Papirus Editora**, 2008.
- CABRAL, F.; DÍAZ, M. Relações de gênero. In: SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE BELO HORIZONTE; FUNDAÇÃO ODEBRECHT. **Cadernos afetividade e sexualidade na educação: um novo olhar**. Belo Horizonte: Gráfica e Editora Rona Ltda, 1998. p. 142-150.
- CARMO, J. V. DE M.; MATOS, F. DE O.; RIBAS, P. R.; MIRANDA, R.; BARA FILHO, M. Motivos de início e abandono da prática esportiva em atletas brasileiros. **HU Revista**, v. 35, n. 4, 2 abr. 2010.
- CAVALCANTI, Racklayne Ramos et al. Avaliação funcional do movimento: incidência do valgo dinâmico do joelho em mulheres praticantes de musculação e sedentárias. **Fisioterapia e Pesquisa**, v. 26, n. 2, p. 120-126, 2019.
- COSTA, Heloísa Lara Campos da. As mulheres e o poder na Amazônia. **Edua**: 2005.
- DA CUNHA VOSER, Rogério et al. A motivação para a prática do futsal: comparação entre atletas federados do sexo masculino e feminino. **RBFF-Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 6, n. 21, 2014
- DA SILVA MATTOS, Rafael et al. O mito contemporâneo da heroína esportiva: da guerra ao pódio. **Caderno de Educação Física e Esporte**, v. 17, n. 1.2019.
- DA SILVA, Adson Manoel Bulhões; TORRES, Iraildes Caldas. Para Uma Fenomenologia da Alma Feminina: **O Protagonismo e a Visibilidade da Mulher na Amazônia**. III Siscultura. GT. 2018.

- DA SILVA, Maria Eduarda Aguiar. A DIVISÃO NO ESPORTE DEVE SER SEPARADA POR SEXO OU GÊNERO. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 3, n. 1, p. 236-249, 2019.
- DOUGE, B. Progressão das Atividades não Competitivas para as Competitivas. **Treino Desportivo**, Lisboa, n.8, p.6-8, out/1999.
- FONSECA, Gerard Maurício Martins; STELA, Erika Spritze. Família e esporte: a influência parental sobre a participação dos filhos no futsal competitivo. **Kinesis**, v. 33, n. 2, 2015.
- FORNARI, Lucimara Fabiana et al. PERSPECTIVA DE GÊNERO NAS REPORTAGENS SOBRE MULHERES ATLETAS NOS JOGOS OLÍMPICOS RIO 2016. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 28, 2019.
- GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2010
- GIL.A.C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: **Atlas**, 2007.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. Gênero e esporte na historiografia brasileira: balanços e potencialidades. **Tempo**, v. 17, n. 34, p. 45-52, 2013.
- GOELLNER, Silvana Vilodre; KESSLER, Cláudia Samuel. A sub-representação do futebol praticado por mulheres no Brasil. **Revista USP**, n. 117, p. 31-38, 2018.
- GUEDES, Dartagnan Pinto. Educação para a saúde mediante programas de Educação Física Escolar. **Motriz. Journal of Physical Education. UNESP**, p. 10-15, 1999.
- GUIMARÃES, Alexandre Sidnei. **A bolsa-atleta eleva o desempenho de seus beneficiários? análise do período 2005-2008**. Senado Federal, Centro de Estudos da Consultoria do Senado, 2009.
- HINO, M. DESAFIOS DA EDUCAÇÃO NA ERA DA TECNOLOGIA / Education's Challenges in the Era of Technology. **Trabalho & Educação - ISSN 1516-9537 / e-ISSN 2238-037X**, v. 28, n. 1, p. 127-139, 21 fev. 2019.

- MANZINI, E. J. A entrevista na pesquisa social. **Didática**, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.
- MEIRELES, C. *Crônicas de educação*, 1. Rio de Janeiro: **Nova Fronteira, Fundação Biblioteca Nacional**, 2001.
- NETO, Ewerton Dantas Cortes; DANTAS, Maihana Maira Cruz; MAIA, Eulália Maria Chaves. Benefícios dos projetos sociais esportivos em crianças e adolescentes. **Saúde & Transformação Social/Health & Social Change**, v. 6, n. 3, p. 109-117, 2015.
- OKAZAKI, Victor Hugo Alves; TEIXEIRA, Luis Augusto; RODACKI, André Luiz Félix. Arremesso tipo jump no basquetebol: comparação entre homens e mulheres. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 29, n. 3, p. 189-202, 2008.
- OLIVEIRA, Gilberto; CHEREM, Eduardo; TUBINO, Manoel JG. A inserção histórica da mulher no esporte. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 16, n. 2, p. 125-133, 2009.
- OTTO, Claricia. O feminismo no Brasil: suas múltiplas faces. **Revista Estudos Feministas**, v. 12, n. 2, p. 238-241, 2004.
- PEREIRA, Adriana Bernardes. II-A mulher e o esporte: do desafio da desigualdade ao desacerto com as questões de gênero. **PSICOLOGIA SOCIAL DO ESPORTE**, p. 37.
- RODRIGUES, Anna Priscilla Cabral; MOURA, Nayanna Sabiá. PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NA DIPLOMACIA BRASILEIRA. **Revista Eletrônica da Estácio Recife**, v. 5, n. 1, 2019.
- RUBIO, K.; VELOSO, R. As mulheres no esporte brasileiro: entre os campos de enfrentamento e a jornada heroica. **Revista USP**, n. 122, p. 49-62, 25 set. 2019.
- RUBIO, Katia. As mulheres e o direito ao esporte. *Jornal da USP*, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://bdpi.usp.br/item/002856524>.

- RUBIO, Kátia. O imaginário da derrota no esporte contemporâneo. **Psicologia & Sociedade**, v. 18, n. 1, p. 86-91, 2006.
- SANTANA, Jucilane; TAVARES, Marcia Santana. O enfrentamento ao tráfico de mulheres numa perspectiva dos direitos humanos. **PLAZA PÚBLICA. Revista de Trabajo Social**, n. 19, p. 74-80, 2019.
- SANTOS, Ana Lúcia dos; SIMOES, António C. A influência da participação de alunos em práticas esportivas escolares na percepção do clima ambiental da escola. **Rev. Port. Cien. Desp.**, Porto, v. 7, n. 1, p. 26-35, jan. 2007. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-05232007000100004&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 30 out. 2019.
- SENTONE, Rafael Gomes et al. Financiamento estatais e resultados esportivos: o caso do atletismo no Brasil. **Arquivos de Ciências do Esporte**, v. 6, n. 3, 2019.
- SIMÕES, A. C.; BÖHME, M. T. S.; LUCATO, S. A. A participação dos pais na vida esportiva dos filhos. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 34-45, 1999.
- SOARES, Everton Rocha; FERNANDES, Laís Carolina; FERREIRA, Renato Melo. PERCEPÇÃO DE DISCENTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE A IMAGEM CORPORAL DE MULHERES ADULTAS. **Biológicas & Saúde**, v. 9, n. 30, 2019.
- SOARES, Themis Cristina Mesquita et al. Motivação e aderência de mulheres ativas: um estudo dos fatores determinantes da atividade física. 2004.
- SOUZA, Juliana Sturmer Soares; KNIJNIK, Jorge Dorfman. A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 21, n. 1, p. 35-48, 2007.
- TORRES, I.C. As novas Amazônidas. **Editora da Universidade Federal do Amazonas**, 2005.